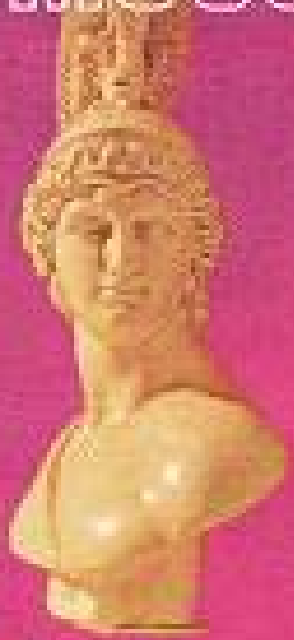
JEAN-PAUL

SARTRE

AS MOSCAS



EDITORIAL DIFUSÃO

AS MOSCAS

por JEAH-PAUL SARTRE

2° edição

Traducão de

NUNO VALADAS

EDITORIAL PRESENÇA

LISBOA — 1965

Books scans
Sandman
cassiosg1111@gmail.com

Sumário

PRIMEIRO ACTO 5
CENA I 6
CENAII 20
CENA III 26
CENA IV 28
CENA V 35
CENA VI 43
SEGUNDO ACTO 45
PRIMEIRO QUADRO 46
CENA I 46
CENA II 51
CENA III 57
CENA IV 64
SEGUNDO QUADRO 78
CENA I 78
CENA II 78
CENAIII 82
CENA IV 85
CENA V 85
CENA VI 95
CENA VII 98
CENA VIII 100
TERCEIRO ACTO 104
CENA I 105
CENA II 115
CENA III 129
CENA IV 131
CENA V 132
CENA VI 134

PRIMEIRO ACTO

Uma praça em Argos. Uma estátua de Júpiter, deus das moscas e da morte, com os olhos revirados e o rosto manchado de sangue.

CENA I

Algumas velhas vestidas de preto entram em procissão e fazem libações em frente da estátua. Ao fundo está o idiota, sentado no chão.

Entram Orestes e o Pedagogo e, a seguir, Júpiter.

ORESTES

Eh! Mulherzinhas!

As velhas voltam-se, dando um grito.

O PEDAGOGO

Podeis dizer-nos...?

As velhas escarram no chão, recuando um passo.

O PEDAGOGO

Escutai; somos caminhantes perdidos. Peço-vos apenas uma indicação.

As velhas fogem, deixando cair as urnas.

O PEDAGOGO

Estafermos! Cobiço-vos eu porventura? Ah! Meu senhor, que viagem agradável! Que bela inspiração a vossa em aqui vir, quando há mais de quinhentas cidades, tanto na Grécia como na Itália, que têm bons vinhos, estalagens acolhedoras e ruas cheias de gente. Estes montanheses parece que nunca viram turistas; cem vezes perguntei pelo nosso caminho nesta maldita cidadezeca a corar ao sol. Pois por toda a parte deparei como as mesmas exclamações de terror e as mesmas debandadas e tive que fazer longos percursos negros nas ruas ofuscantes, Puf! Estas ruas desertas, esta atmosfera vacilante e este sol... Haverá alguma coisa mais sinistra do que o sol ?

ORESTES

Aqui nasci...

O PEDAGOGO

Ao que parece. Mas se fosse comigo, não me gabaria.

ORESTES

Aqui nasci e contudo tenho que perguntar pelo meu caminho como se fora um caminhante. Bate a essa porta!

O PEDAGOGO

E que esperais disso? Que vos atendam? Olhai-me estas casas e dizei-me o que vos parecem. Onde estão as janelas? Penso que dão para bem fechados e sombrios saguões e que as casas viram para a rua o trazeiro... (Gesto de Orestes.) Pronto, eu bato, embora' sem esperança.

Bate. Silêncio, Bate novamente; a porta entreabre-se.

UMA VOZ

Que quereis?

O PEDAGOGO

Apenas uma informação. Sabeis onde mora...

A porta fecha-se bruscamente

O PEDAGOGO

Ide para o inferno! Estais contente e chega-vos esta experiência, senhor Orestes? Posso, se quiserdes, bater a todas as portas.

ORESTES

Não. Deixa lá.

O PEDAGOGO

Olha! Mas está aqui alguém. (Aproxima-se do idiota). Monsenhor!

O IDIOTA

Aââ!

O PEDAGOGO, cumprimentando novamente

Monsenhor!

O IDIOTA

Aââ!

O PEDAGOGO

Podereis indicar-nos a casa do Egísto?

O IDIOTA

Aââ!

O PEDAGOGO

De Egísto, o rei de Argos.

O IDIOTA

Aââ! Aââ!

Júpiter passa, ao fundo.

O PEDAGOGO

Pouca sorte! O primeiro que não foge é. idiota. (Júpiter volta o passar). Olhem que esta! .Seguiu-nos até cá,

ORESTES

Quem?

O PEDAGOGO

O barbudo.

ORESTES

Estas a sonhar.

O PEDAGOGO

Acabo de o ver passar.

ORESTES

Com certeza que te enganaste.

O PEDAGOGO

Impossível. Nunca na vida vi uma tal barba, salvo aquela, em bronze, que enfeita o rosto de Júpiter Aenobarbo, em Palermo, Olhai, ei-lo que passa novamente. Que nos quererá?

ORESTES

Anda em viagem, como nos.

O PEDAGOGO

Ora! Encontrámo-lo na estrada de Delfos, E quando embarcámos em Iteia já ele exibia as barbas no barco. Em Naúplia, não podíamos dar um passo sem o ter à perna, e agora ei-lo aqui. Se calhar, achais que são tudo simples coincidências? (Enxota as moscas com as mãos.) Ah! Estas moscas de Argos parecem-me bem mais sociáveis que as pessoas. Olhai, olhai estas! (Aponta um olho do idiota.) São doze num só olho, como se fosse numa fatia de pão com doce, e contudo sorri, encantado, com ar de quem gosta que lhe suguem os olhos. E reparai, escorre-lhe dali uma gordura branca que parece leite coalhado. (Enxota as moscas.) Basta, meninas, basta! Olhai aí as tendes vós. (Enxota-as,) Ao menos, isto põe-vos à vontade; vós que tanto vos lamentáveis de ser um estranho na vossa própria terra, aí tendes esses animaizinhos que vos saúdam com animação e parecem reconhecer-vos. (Enxota-as.) Vamos, basta! Basta de efusões. De onde virão elas? Fazem mais barulho que molinetes e são maiores que libélulas.

JÚPITER, que entretanto se aproximara

Não passam de moscas carnívoras um bocado gordas. Há uns quinze anos que um forte cheiro a cadáver as atraiu à cidade. Desde então que engordam. Dentro de quinze anos terão o tamanho de rãzinhas.

Um silêncio.

O PEDAGOGO

Com quem temos a honra de falar?

JÚPITER

O meu nome é Demétrio, Venho de Atenas,

ORESTES

Parece que vos vi no barco, a quinzena passada.

JÚPITER

Também vos vi lá.

Gritos horríveis no palácio,

O PEDAGOGO

Eh lá! Eh! lá! Isto começa a não me cheirar nada bem e a minha opinião é que faríamos melhor se nos puséssemos a andar.

ORESTES

Cala-te.

JÚPITER

Nada tendes a temer. Hoje é o dia dos mortos. Estes gritos marcam o começo da cerimónia.

ORESTES

Pareceis saber muito a respeito de Argos.

JÚPITER

Venho cá com frequência. Não sei se sabeis que eu estava presente quando do regresso do rei Agamémnon, no momento em que a frota vitoriosa dos Gregos ancorou na baía de Naúplia, Avistavam-se as velas brancas do alto das muralhas. (Enxota as moscas.) Nesse tempo,

ainda não havia moscas, e Argos não passava duma cidadezinha de província que se aborrecia preguiçosamente ao sol. Subi com os outros ao caminho da ronda, durante os dias que se seguiram, e ficámos a olhar demoradamente o cortejo real que vinha pela planíce. Ao anoitecer do segundo dia, a rainha Clitemnestra veio às muralhas acompanhada de Egisto, o actual rei. O povo de Argos viu as suas faces avermelhadas pelo sol poente; viu-os debruçar-se sobre as ameias e olhar longamente na direcção do mar; e pensou: "Más coisas vão acontecer". Mas nada disse. Egisto, como já o deveis saber, era o amante da rainha Clitemnestra, Um debochado que já nessa época tinha propensão para a melancolia. Estais fatigado?

ORESTES

É da longa caminhada que fiz e deste maldito calor. Mas interessa-me o que dizeis.

JÚPITER

Agamémnon era bom homem, mas cometera um grande erro. Nunca permitira que as execuções capitais tivessem lugar em público. É pena. Um bom enforcamento, na província, sempre distrai, e insensibiliza um bocado as pessoas quanto à morte. Esta gente nada disse porque se aborrecia e queria ver uma morte violenta. Nada disseram quando viram o seu rei aparecer as portas da cidade. E quando viram Clitemnestra estender-lhe os belos braços perfumados, também nada disseram. E contudo, nesse momento teria bastado uma palavra; mas todos se calaram e cada um guardava já na mente a visão dum enorme cadáver de rosto despedaçado.

ORESTES

E vós, também nada dissestes?

JÚPITER

Isso irrita-vos, meu jovem? Fico bem contente que assim seja,

pois prova que tendes bons sentimentos. Pois bem, não falei, não senhor; não sou de cá e o assunto não me tocava de perto. E quanto aos habitantes de Ârgos, quando no dia seguinte ouviram no palácio os uivos de dor, que dava o. seu rei, voltaram a não dizer nada e deixaram cair as pálpebras sobre, os olhos revirados de volúpia, ficando a cidade inteira como uma mulher aluada.

ORESTES

E o assassino continua a reinar. Já conheceu quinze anos de felicidade. Eu julgava que os deuses fossem justos.

JÚPITER

Eh lá! Não incrimineis tão depressa os deuses. Achais que deverão sempre castigar? Então não seria melhor que aproveitassem a desordem em benefício da ordem moral?

ORESTES

E fizeram-no?

JÚPITER

Mandaram as moscas.

O PEDAGOGO

Para que são as moscas aqui chamadas?

JÚPITER

Oh! São um símbolo. Mas o que elas fizeram julgai-o por isto: olhai ali aquela centopeia velha que arrasta as negras patitas, rasando a parede; é um belo espécime dessa fauna negra e achatada que pulula nas fendas. É num instante que a apanho e vo-lo trago aqui. (Salta sobre a velha e trá-la para a boca da cena.) Aqui está o pescado. Vede que horror!

Uh!

Tens os olhos semicerrados e todavia vós todos estais já bem habituados aos ofuscantes raios que o sol dardeja. Que me dizeis destes estremeções de peixe filado pelo anzol? Diz lá, velha, deves ter perdido dúzias de filhos: estás de preto da cabeça aos pés. Vamos, fala e talvez te largue. Por quem trazes luto?

A VELHA

É o trajar de Argos.

JÚPITER

O trajar de Argos? Ah? Já percebo. É o luto pelo teu rei, pelo teu rei assassinado, que trazes em cima.

A VELHA

Cala-te! Por amor de Deus, cala-te!

JÚPITER

Que tu és suficientemente velha para os ter ouvido, a esses gritos lancinantes que rodopiaram toda a manhã pelas ruas da cidade. Que fizestes então?

A VELHA

O meu homem estava para o campo, que é que eu podia fazer? Aferrolhei a porta.

JÚPITER

Sim, mas abriste a janela para ouvir melhor e puseste-te a espiar por detrás das cortinas, com a respiração suspensa e umas cócegas esquisitas no baixo-ventre.

A VELHA

Cala-te !

JÚPITER

Com que energia deves ter amado nessa noite! Foi um gozo, hem!

A VELHA

Ah! Meu senhor, foi... um gozo bem horrível,

JÚPITER

Um gozo vermelho cuja memória nunca haveis podido enterrar.

A VELHA

Senhor! Sereis um morto?

JÚPITER

Um morto! Vai, vai, louca! Não te preocupes com quem eu sou; será melhor que trates de ti e de ganhar o perdão do Céu pelo teu arrependimento.

A VELHA

Ah! Mas eu estou arrependida, meu senhor! Ah! Se vós soubésseis como estou arrependida! E também a minha filha está arrependida, o meu genro sacrifica uma vaca todos os anos e ao meu neto que vai para os sete anos, já o educámos no arrependimento: é manso como um cordeiro, muito loiro e já penetrado pelo sentimento do seu pecado original.

JÚPITER

Está bem, põe-te a andar, velha imunda, e trata de te arrepender até que rebentes. É a tua única esperança de salvação, (A velha foge.) Ou eu me engano muito, meus senhores, ou temos aqui piedade da boa, à antiga, assente sòlidamente sobre o terror,

ORESTES

Mas que espécie de homem sois vós?

JÚPITER

Que interessa a minha pessoa? Falávamos dos deuses. Ora bem, deveria Egisto ter sido fulminado?

ORESTES

Deveria... Ah! Sei lá o que deveria ter acontecido, quero lá saber disso; não sou de cá. E Egisto? Está arrependido?

JÚPITER

Egisto? Muito me espantará. Mas que importa, se uma cidade inteira se arrepende por ele? No arrepender é o peso que conta. (Gritos horríveis no palácio.) Escutai! Para que eles jamais esqueçam os gritos de agonia do seu rei, um boieiro escolhido pela sua voz forte uiva desta maneira a cada aniversário no salão do palácio. (Orestes faz um gesto de repulsa.) Bah! E isto ainda não é nada; que direis então, quando libertarem os mortos? Há quinze anos precisos que Agamémnon foi assassinado. Ah! Como mudou desde então este leviano povo de Argos e como está agora perto do meu coração.

ORESTES

Do vosso coração?

JÚPITER

Não façais caso, meu jovem. Era comigo mesmo que falava. Deveria ter dito: perto do coração dos deuses.

ORESTES

De verdade ? Paredes manchadas de sangue, moscas aos milhões, um cheiro a matadouro, um calor de rebentar, as ruas desertas, um deus com cara de assassino, essas larvas aterradas que batem nos peitos no recôndito das suas casas — e estes gritos insuportáveis; é então isto, o que agrada a Júpiter?

JÚPITER

Ah! Meu jovem, não julgueis os deuses, que eles têm dolorosos segredos.

Um silêncio.

ORESTES

Agamémnon tinha uma filha, não tinha? Uma filha chamada Electra?

JÚPITER

Sim, Vive aqui, No palácio de Egisto — que é esse aí.

ORESTES

Ah! É o palácio de Egisto? — E que pensa Electra de tudo isso?

JÚPITER

Bah! É uma criança. Havia também um filho, um tal Orestes. Dizem que morreu.

ORBSTES

Morreu! Talvez...

O PEDAGOGO

Mas com certeza, meu senhor, bem sabeis que morreu. As pessoas em Náuplia contaram-nos que Egisto tinha ordenado que o assassinassem, pouco tempo depois da morte de Agamémnon.

JÚPITER

Houve quem pretendesse que ficara vivo. Os seus algozes, apiedados, tê-lo-iam abandonado na floresta. Teria então sido recolhido e educado por ricos burgueses de Atenas. Eu, por mim, desejaria que tivesse morrido.

ORESTES

E porquê? Não me dizeis?

JÚPITER

Imaginai que ele aparece um dia às portas desta cidade...

ORESTES

E daí?

JÚPITER

Bah! Se eu nessa altura o encontrasse, dir-lhe-ia... dir-lhe-ia assim: «Meu jovem...» Chamá-lo-ia de jovem visto que ele, se está vivo, tem aproximadamente a vossa idade. A propósito, senhor, podeis-me dizer o vosso nome?

ORESTES

Chamo-me Filebo e sou de Corinto. Viajo para me instruir com

um escravo, que foi meu preceptor.

JÚPITER

Perfeitamente. Eu diria então: «Meu jovem, ide-vos embora! Que vindes aqui buscar? Quereis fazer valer os vossos direitos? Eh! Sois ardente e forte, daríeis num belo capitão num exército combativo; podeis fazer melhor do que reinar numa cidade semimorta, numa carcassa de cidade, atormentada pelas moscas. Os habitantes daqui são grandes pecadores, mas ei-los que se empenham no caminho do resgate. Deixai-os, meu jovem, deixai-os, respeitai a sua dolorosa empresa e afastai-vos nas pontas dos pés. Vós jamais poderíeis compartilhar do seu arrependimento, visto que não haveis tomado parte no seu crime e a vossa inocência impertinente vos separa deles como um fosso profundo. Ide-vos, se é que os amais ao menos um pouco. Ide-vos, senão fareis com que se percam: se os fizerdes arrepiar caminho, ao abandonar, um instante que seja, os seus remorsos, todos os seus pecados acabarão por se coagular sobre eles próprios como gordura arrefecida. Têm um peso na consciência, têm medo — e o medo e a consciência pesada exalam um aroma delicioso para as narinas dos deuses. Sim, essas almas dignas de piedade são aquelas que agradam aos deuses. Queríeis vós tirar-lhes o favor divino? E que lhes daríeis em troca? Digestões tranquilas, a melancólica paz provinciana e o tédio, ah! o tédio quotidiano da felicidade. Boa viagem, meu jovem, boa viagem; a ordem numa cidade, como a ordem nas almas, é instável: se lhe tocais provocareis uma catástrofe. (Olhando-a). Uma terrível catástrofe que sobre vós recairá.

ORESTES

De verdade? Seria então isso o que diríeis? Pois bem, se eu fosse esse jovem, responder-vos-ia... (Medem-se com o olhar; o Pedagogo tosse,) Bah! Sei lá o que vos responderia. Talvez tenhais razão, além de que o assunto não me diz respeito.

JÚPITER

Ora aí está, Quem me dera que Orestes fosse tão razoável como voz. Que a paz seja convosco: tenho que ir à minha vida.

ORESTES

A paz seja convosco.

JÚPITER

A propósito, se essas moscas vos incomodam, aqui está o meio de vos livrardes delas; olhai esse enxame que zumbe em vosso redor; um movimento com o pulso, um gesto com o braço e é só dizer: «Abraxás, gálá, gálá, tsé, tsé». E é como vedes: ei-las que rebolam e rastejam que nem lagartas.

ORESTES

Por Júpiter!

JÚPITER

Isso é pouca coisa. Apenas um joguinho de sociedade. Sou encantador de moscas, nas horas vagas. Bons dias. Voltaremos a ver-nos.

Sai

CENAII

ORESTES E O PEDAGOGO

O PEDAGOGO

Desconfiai. Este homem sabe quem sois.

ORESTES

E será um homem?

O PEDAGOGO

Ah! Meu senhor, como me fazeis pena! Para que serviram então as minhas lições e esse cepticismo sorridente que vos ensinei? «Será um homem?» Com certeza, pois ninguém mais existe além dos homens» e estes já bastam. Este barbudo é um homem e algum espião de Egisto.

ORESTES

Deixa lá a tua filosofia. Bem mal me fez.

O PEDAGOGO

Mal! Então achais que é causar mal às pessoas o dar-lhes a liberdade de espírito? Ah! Como estais mudado! Lia dentro de vós, noutro tempo... Quereis dizer-me em que meditais? Por que razão me haveis arrastado até aqui? E que pretendeis cá fazer?

ORESTES

Acaso já te disse que queria cá fazer alguma coisa? Ora vamos! Cala-te. (Aproximasse do palacio.) Eis o meu palácio. Foi aí que nasceu meu pai. Foi aí que uma p,,. e o seu chulo o assassinaram. E foi aí também que eu nasci. Já tinha quase três anos quando os esbirros de Egisto me levaram. De certeza que passámos por esta porta; um deles segurava-me nos braços, e eu devia ir de olhos esbugalhados, a chorar... Ah! Nem a mais leve recordação eu tenho. Vejo um grande edifício mudo, erguido na sua solenidade provinciana. Vejo-o pela primeira vez.

O PEDAGOGO

Nenhuma recordação, meu amo ingrato, quando consagrei dez anos da minha vida em vo-las proporcionar? E todas essas viagens que fizemos? E essas cidades que visitámos? E esse curso de arqueologia que vos ministrei, somente a vos? Nenhuma recordação? Quando ainda há bem pouco tempo existiam tantos palácios, santuários, templos para povoar a vossa memória que teríeis podido, como o geógrafo Pausânías, escrever uma guia da Grécia.

ORESTES

Palácios!É verdade. Palácios, colunas, estátuas! Nem sei porque não sou mais pesado, com tantas pedras na cabeça. E não me falas nos trezentos e oitenta e sete degraus do templo de Éfeso? Subi-os um por um, e lembro-me deles todos. Se bem me recordo, o décimo sétimo estava partido. Ah! Um cão velho a aquecer-se deitado ao pé da lareira e que se soergue um pouco quando o dono entra, a ganir, docemente para o saudar, esse cão tem mais memória que eu: é o seu dono que reconhece. O seu dono. Agora eu, o que possuo?

O PEDAGOGO

E então a cultura, senhor? É vossa, a cultura que possuis e que para vós arranjei com amor, como um ramo de flores, casando os frutos da minha sabedoria com os tesouros da minha experiência. Não vos fiz eu ler em pouco tempo todos os livros, para que vos familiarizásseis com a diversidade das opiniões humanas, e percorrer cem Estados, fazendo-vos ver em cada caso como são variáveis os costumes dos homens? Eis-vos agora jovem, rico e belo, sensato como um ancião, liberto de todas as servidões e crenças, sem família, nem pátria ou profissão, livre para todos os compromissos, mas sabendo que nunca vos deveis comprometer; enfim, um homem superior e capaz além disso de ensinar filosofia ou arquitectura numa grande cidade universitária. E queixai-vos vós!

ORESTES

Enganas-te; eu não me queixo. Nem me poderia queixar: tu deixaste-me uma liberdade igual à desse fios que o vento arranca as teias de aranha e que flutuam a dez pés do solo; ando pelos ares e não peso mais do que um fio. Sei que é uma sorte e como tal a aprecio. (Pausa). Há homens que nascem comprometidos; não têm outra alternativa, pois os impeliram para certo caminho, mas no fim desse caminho há um acto que os espera, o seu acto; e lá vão eles de pés descalços a comprimir a terra com força e a arranhar-se nos calhaus. Achas isto grosseiro este contentamento em ir para certo lugar? E ainda há outros, os taciturnos, que sentem no fundo do seu coração o peso das visões terrenas e turvas; a sua vida mudou porque certo dia da sua infância, com cinco anos, sete anos... Está bem, não são homens superiores. Agora eu, já aos sete anos sabia que era um exilado; os aromas e os sons, o barulho dá chuva nos telhados, as cintilações da luz, tudo isso eu deixava escorregar-me pelo corpo e cair à minha volta; já sabia que era aos outros que essas coisas pertenciam e que jamais poderia fazer delas as minhas recordações. As recordações são na verdade um rico alimento para o espírito dos que possuem as casas, os animais, os criados e os campos. Mas eu... Eu sou livre, graças a Deus. Ah! Como sou livre! E que esplêndido vazio trago na alma. (Aproxima-se do palácio.) Poderia ter vivido aí. Não teria lido nenhum dos teus livros e até talvez nem soubesse ler; é raro um príncipe que saiba ler. Mas teria entrado e saído dez mil vezes por esse portão. Em criança teria brincado com os seus batentes, tê-los empurrado, de pés fincados no chão e eles teriam apenas rangido sem ceder, ficando assim os meus braços a conhecer a sua resistência.

Mais tarde, tê-los-ia empurrado de noite, às escondidas, para ir ter com as raparigas. E, ainda mais tarde, no dia da minha maioridade, os escravos teriam aberto as portas de par em par e eu teria transposto a soleira a cavalo. Meu velho portão de madeira! Seria capaz de encontrar de olhos fechados a tua aldrava. E essa esfoladela aí em baixo, talvez tivesse sido eu quem ta tivesse feito, por imperícia, no primeiro dia em que me tivessem confiado uma lança. (Põe-se a certa distância.) Estilo pequeno-dôrico, não é? E que te parecera essas incrustações em ouro? Vi-as parecidas em Dodona; é um belo trabalho. Olha, para te agradar, vou-te dizer: não é o meu palácio nem o meu portão. E nada temos aqui a

fazer.

O PEDAGOGO

Até que enfim sois razoável. Que teríeis ganho aqui vivendo? O vosso espírito estaria agora abatido por um arrependimento abjecto,

ORESTES, com vivacidade

Mas ao menos seria meu, E seria meu este calor que me cresta os cabelos. E meu o zumbir destas moscas. A esta mesma hora estaria eu num quarto escuro no palácio a observar pela abertura duma gelosia o vermelho da luz e a esperar que o sol declinasse, e que subisse do chão, como um aroma, a sombra fresca dum entardecer em Argos — semelhante a cem mil outros, mas sempre novo — a sombra dum entardecer meu, Vem-te embora, pedagogo; não vês que acabamos por apodrecer ao calor dos outros?

O PEDAGOGO

Ah!,Senhor, como me tranquilizais. Nestes últimos meses, para ser exacto, desde que vos, revelei a vossa origem— via-vos mudar de dia para dia e já nem dormia. Tinha medo...

ORESTES

De quê?

O PEDAGOGO

Zangar-vos-eis.

ORESTES

Não. Fala.

O PEDAGOGO

Eu temia — mesmo quando estamos acostumados à ironia céptica, temos às vezes ideias tolas — em resumo, eu perguntava a mim mesmo se vós não pensaríeis em expulsar Egisto para tomar o seu lugar.

ORESTES, com lentidão

Expulsar Egisto? *(Pausa.)* Podes ficar descansado, velhote, que já é demasiado tarde. Não é a vontade que me falta, de agarrar pelas barbas esse rato de sacristia e arrancá-lo do trono de meu pai. Mas quê?! Que tenho eu a ver com esta gente? Não lhes vi nascer nenhum dos filhos, nem assisti às bodas das filhas; não compartilho dos seus remorsos e não conheço um só dos seus homens. O barbudo é que tem razão: um rei deve ter as mesmas recordações que os seus súbditos. Deixemo-los, meu velho. Vamo-nos embora. Na ponta dos pés... Ah! Se pudesse haver um acto, sabes, um acto que me desse foros de cidadania entre eles; se eu me pudesse apoderar, nem que fosse com um crime, das suas memórias, do seu terror e das suas esperanças, para encher o vazio do meu coração, ainda que tivesse que matar a minha própria mãe...

O PEDAGOGO

Senhor!

OBESTES

Sim. Isto são tudo sonhos. Vamos. Vê lá se nos podem aí arranjar cavalos que iremos até Esparta onde tenho amigos.

Entra Medra

CENA III

OS MESMOS E ELECTRA

ELECTRA

(*Segurando uma caixa; aproxima-se da estátua de Júpiter, sem os ver*) — Nojento! Podes olhar-me à vontade com esses olhos redondos nessa cara suja de sumos de framboesa que não me metes medo. Vieram esta manhã essas beatas essas bruxas velhas e negras, não vieram? E andaram a ranger os pés à tua volta, não foi? E tu, todo contente, hem, meu monstro! Gostas delas, das velhas; quanto mais parecem mortas mais tu gostas delas. Derramaram sobre os teus pés os seus vinhos mais preciosos por ser o teu dia e das suas saias subiam ao teu nariz uns odores a bafio e a bolor; as tuas narinas fremem ainda com esse delicioso perfume. (*Roçando-se por ele*) Pois bem, cheira-me agora a mim, cheira este odor a carne fresca. Sou jovem e estou viva, o que te deve horrorizar. Também cá te venho trazer as minhas oferendas enquanto a cidade inteira está a rezar. Olhai: aqui tens o lixo, a cinza da lareira, bocados de carne cheios de bichos e ainda um naco de pão tão imundo que nem os porcos o quiseram; mas as tuas moscas vão gostar. Bela festa, não haja dúvida, e oxalá seja a última. Não sou bastante forte para te atirar ao chão. O mais que posso fazer-te é escarrar-te em cima. Mas aquele que eu espero virá com a sua espada enorme. Olhará para ti, divertido, com as mãos nos quadris e o corpo atirado para trás. A seguir puxará pelo sabre e abrir-te-á de meio a meio, assim! E as duas metades de Júpiter rebolarão cada uma para seu lado e toda a gente verá que é de madeira branca, É todo de madeira branca, o deus dos mortos. O horror e o sangue que tem na cara bem como o verde-escuro dos olhos não passam de pintura, não é verdade? Bem sabes que és todo branco por dentro, todo clarinho como o corpo dum bébé de leite; bem sabes que uma espadeirada pode rachar-te ao meio e que nem sangrarias. Madeira branca! Rica Madeira branca! Que bem que arde! (*Reparando em Orestes.)* Ah!

ORESTES

Não tenhas medo.

EUECTRA

Não tenho medo. Não tenho medo nenhum. Quem ês tu?

OBESTES

Um forasteiro.

ELECTRA

Sê bem-vindo. Agrada-me tudo o que venha de fora desta terra. Como te chamas?

ORESTES

Chamo-me Filebo e sou de Corinto.

ELECTRA

Ah ? De Corinto ? A mim, chamam-me Electra,

ORESTES

Electra. (Para o Pedagogo) Deixa-nos sós.

CENA IV

ORESTES E ELECTRA

ELECTRA

Por que me olhas assim ?

ORESTES

És bela. Não te pareces com as pessoas daqui.

ELECTRA

Bela? Tens a certeza de que sou bela? Tão bela como as moças de Corinto?

ORESTES

Sim.

ELECTRA

Aqui, não mo dizem. Não querem que o saiba. Aliás, para que me serve, se não passo duma criada,

ORESTES

Tu? Uma criada?

ELECTEA

A última das criadas, lavo a roupa do rei e da rainha. É uma roupa bem suja e cheia de porcaria. Todas as roupas de baixo, as camisas que lhes embrulharam os corpos podres, e ainda a que Clitemnestra põe

quando o rei compartilha do seu leito; tudo isso eu lavo. E a loiça também. Não me acreditas? Olha-me estas mãos. Estão todas gretadas, não é? Que cara pândega que fazes! Parecem-se alguma coisa com as mãos duma princesa?

ORESTES

Pobres mãos; não parecem mãos duma princesa. Mas adiante; que mais te obrigam a fazer?

ELECTRA

Olha, todas as manhãs tenho que esvaziar o caixote do lixo. Trago-o cá para fora e depois... tu bem viste o que lhe fiz. A esse velhote de pau, esse Júpiter, deus da morte e das moscas! Há dias, o Grande Sacerdote, quando vinha fazer-lhe as suas mesuras, andou a pisar talos de couve e de nabo e cascas de mexilhão. Julgou que endoidecia. Olha cá, não me vais denunciar, pois não?

ORESTES

Não.

ELECTRA

Podes denunciar-me à vontade, quero lá saber. Que mais me podem fazer? Bater-me? Já me bateram. Encerrar-me lá no cimo duma enorme torre? Não seria má ideia, para eu não lhes pôr mais a vista em cima. Imagina tu que me recompensam, à noite, quando acabo o meu trabalho: tenho que me aproximar duma mulher, grande e gorda, de cabelos pintados, lábios grossos e mãos muito brancas, umas mãos de rainha, a cheirar a mel. Põe-me essas mãos nos ombros, cola-me os lábios à testa e diz: «Boa noite, Electra». Todas as noites. Todas as noites sinto palpitar na minha pele aquela carne quente e gulosa. Mas tenho conseguido dominar-me e nunca desmaiei. Sabes, é a minha mãe. Se eu fosse para a tal torre nunca mais me beijaria.

ORESTES

E jamais pensaste em fugir?

ELECTRA

Não tenho coragem para tanto. Teria medo, sozinha por esses caminhos.

ORESTES

Não tens uma amiga que pudesse acompanhar-te?

ELECTRA

Não, sou sozinha. É como se fosse sarnenta ou pestífera; as pessoas to dirão. Não tenho amigas.

ORESTES

O quê, nem mesmo uma ama, uma velha que te tenha visto nascer e que te tenha ao menos algum amor?

ELCEOTRA

Nem isso. Pergunta à minha mãe; eu desanimaria as almas mais ternas que houvesse

ORESTES

E ficarás aqui toda a vida?

ELECTRA, *num grito*

Ah! Toda a vida, não! Escuta: estou à espera duma coisa.

ORESTES

Duma coisa ou de alguém?

ELECTRA

Não to direi, Fala-me agora de ti. Também és belo. Vais cá ficar muito tempo?

ORESTES

Devia partir hoje mesmo. Mas agora...

ELECTRA

Agora...?

ORESTES

Já não sei.

ELECTRA

Corinto é uma cidade bonita?

ORESTES

Linda.

ELECTRA

Ama-la? Orgulhas-te dela?

ORESTES

Sim,

ELECTRA

Como me parecia bizarro orgulhar-me da minha cidade natal

Explica-me isso,

ORESTES

Olha... Não sei. Não posso explicar-to.

ELECTRA

Não podes. (Pousa.) Ê verdade que em Corinto há praças cheias de sombra? Praças onde à noite as pessoas passeiam?

ORESTES

É verdade,

ELECTRA

E toda a gente vem cá para fora? Toda a gente passeia?

ORESTES

Toda a gente.

ELECTRA

Os rapazes com as raparigas?

ORESTES

Os rapazes com as raparigas.

ELECTRA

E têm sempre coisas a dizer entre si? Divertem-se mutuamente? Ouvem-se, pela noite fora, as suas gargalhadas?

ORESTES

Sim.

ELECTRA

Achas-me parva? É que me custa tanto imaginar passeios, sorrisos e cantos! As pessoas daqui vivem roídas pelo medo. E eu...

ORESTES

Tu...?

ELECTRA

Pelo ódio. E que fazem durante o dia as raparigas de Corinto?

ORESTES

Enfeitam-se, depois cantam e tocam alaúde e a seguir fazem visitas às amigas; à noite vão ao baile.

ELECTRA

E não têm quaisquer preocupações?

ORESTES

Têm, mas muito pequenas.

ELECTRA

Ah sim? Escuta: e têm remorsos as pessoas de Corinto?

ORESTES

Algumas vezes. Mas não muitas.

ELECTRA

Então fazem o que querem e depois não pensam mais nisso?

ORESTES

Exactamente,

ELECTRA

Coisa estranha, (Pausa.) Mas já agora diz-me mais isto que preciso de saber por causa de certa pessoa... de certa pessoa de quem estou à espera: Supõe tu que um rapaz de Corinto, um desses que à noite gracejam com as raparigas, encontra, ao regressar duma viagem, o pai assassinado, a mãe na cama do assassino e a irmã feita escrava. Mostrar-se-ia dócil, o tal rapaz de Corinto, indo-se embora às arrecuas a fazer vénias, correndo a buscar consolação junto das amiguinhas? Ou pelo contrário puxaria da espada golpearia o assassino até dar cabo dele? Não respondes?

ORESTES

Não sei.

ELECTRA

Como? Não sabes?

A voz de Clitemnestra — Electra!

ELECTRA

Schiu!

ORESTES

O que há?

ELECTRA

É a minha mãe, a rainha Clitemnestra.

CENA V

ORESTES, ELECTRA, CLITEMNESTRA

ELECTRA

Então que dizes, Filebo? Assusta-te?

ORESTES

De tantas vezes ter tentado imaginar esse rosto que achei por o ver, cansado e amolecido, sob o reluzir dos unguentos. O que eu não esperava era estes olhos sem vida.

CITEMNESTRA

Electra! O rei manda que te aprontes para a cerimónia. Porás o teu vestido preto e as tuas jóias. Então? Que querem dizer esses olhos no chão? Apertas os cotovelos contra as tuas ancas estreitas, o corpo incomoda-te... Tens o costume de te pôr assim na minha presença, mas essas macaquices já me não enganam; ainda agora, pela janela, vi outra Electra, toda gestos largos, com os olhos brilhantes... Olhas para mim, ou não? Então, não me respondes?

ELECTRA

Precisam desta desmazeladona para realçar o brilho da vossa

festa?

CITEMNESTRA

Deixa-te de comédias. És uma princesa, Electra, e o povo espera-te como nos outros anos.

ELECTRA

Serei mesmo uma princesa? E só vos lembrais disso uma vez por ano, quando o povo quer ver uma imagem da nossa vida familiar, para sua edificação? Rica princesa, que lava a loiça e guarda os porcos? Irá Egisto passar-me o braço pelos ombros como no ano passado, e sorrir junto à minha cara enquanto murmurava ameaças ao meu ouvido?

CITEMNESTRA

É de ti que depende que seja doutra maneira.

ELECTRA

Sim, se me deixar infectar pelos vossos remorsos e implorar o perdão de Deus para um crime que não cometi. Sim, se beijar as mãos de Egisto e lhe chamar pai. Puf! Tem sangue seco debaixo das unhas.

CITEMNESTRA

Faz como quiseres. Há já muito tempo que renunciei a dar-te ordens em meu nome. Apenas te comuniquei as que foram dadas pelo rei.

ELECTRA

Que tenho eu a ver com as ordens de Egisto? É o vosso marido, minha mãe, o vosso querido marido e não o meu.

CITEMNESTRA

Nada tenho a dizer-te, Electra. Vejo que trabalhas para a tua e para a nossa perda. Mas como te poderia eu aconselhar, se arruinei a minha vida numa só manhã? Odeias-me, rainha filha, mas ainda o que mais me inquieta é que te pareces comigo: também tive esse rosto afilado, esse sangue inquieto, esse olhar falso — e daí não veio nada de bem.

ELECTRA

Não quero parecer-me convosco! Filebo, tu que nos estás a ver às duas, uma ao pé da outra, diz lá, não é verdade que não me pareço com ela?

ORESTES

Que posso dizer? O seu rosto parece um campo devastado peio granizo e pela trovoada. Mas no teu há como que uma promessa de tempestade; um dia a paixão vai fazê-lo arder até aos ossos.

ELECTRA

Uma promessa de tempestade? Seja, Aceito essa parecença. Oxalá tenhas dito a verdade.

CITEMNESTRA

E tu, que encaras assim as pessoas, quem és? Deixa que te olhe, por minha vez. E que fazes aqui?

ELECTRA, *com vivacidade*

Ê um Coríntio chamado Filebo. Anda em viagem.

CITEMNESTRA

Filebo? Ah!

ELECTRA

Parece que temíeis outro nome.

CLITEMENSTRA

Temer? Se alguma coisa ganhei com o perder-me, foi o não temer hoje o que quer que seja. Aproxima-te, estrangeiro, e sê bem-vindo. Como és jovem! Que idade tens?

ELECTRA

Dezoito anos.

CITBMNESTRA

Aindem vivem os teus pais?

ORESTES

Meu pai morreu,

CITEMNESTRA

E a tua mãe? Deve ter mais ou menos a minha idade, não? Não dizes nada? É que se calhar ela parece-te mais nova que eu e pode ainda rir e cantar na tua companhia. Ama-la? Mas responde! Por que a deixaste?

ORESTES

Vou a Esparta, alistar-me nas tropas mercenárias.

CITEMNESTRA

E já te disseram que vivemos esmagados por um crime imperdoável, cometido há quinze anos?

ORESTES

Já.

CITEMNESTEA

E que a rainha Clitemnestra era de todos a mais culpada? E que o seu nome era de todos o mais maldito?

ORESTES

Sim.

CITEMNESTRA

E mesmo assim vieste? Estrangeiro, eu sou a rainha Clitemnestra.

ELECTRA

Não te comovas, Filebo; a rainha está a divertir-se com o nosso jogo nacional; o jogo das confissões públicas. Aqui cada um grita os seus pecados em frente de todos os outros; e não raramente, nos dias feriados, se vê um ou outro comerciante que, depois de ter corrido a cortina de ferro da sua loja, se arrasta de joelhos pelas ruas, a esfregar os cabelos com terra e a gritar que é um assassino, um adúltero ou um prevaricador. Mas os habitantes de Argos já começam a aborrecer-se, pois cada um conhece já de cor os crimes dos outros; os da rainha, em especial, já não divertem ninguém, visto que, por assim dizer, são crimes oficiais, quase históricos. Podes calcular a sua alegria quando te viu, jovem, recém-chegado, ignorando mesmo o seu nome. Que ocasião excepcional! Até lhe parece que é a primeira vez que se confessa.

CLITEMNESTRA

Cala-te. Qualquer um me pode escarrar na cara e chamar-me prostituta e criminosa. Mas ninguém tem o direito de julgar dos meus remorsos.

ELECTRA

Estais a ver, Filebo? São estas as regras do jogo. Todas as pessoas te vão implorar que as condenes. Mas toma cuidado e julga-as só pelos seus erros que te confessarem, pois os outros a ninguém dizem respeito e ficarão todos muito pouco satisfeitos contigo se os descobrires.

CLITEMNESTRA

Há quinze anos era eu a mais bela mulher da Grécia. Agora olha para a minha cara e avalia quanto tenho sofrido! E com franqueza que te digo: não é da morte do velho bode que eu sinto pena. Quando o vi a sangrar na banheira, cantei e dancei de alegria. E ainda hoje, já passados quinze anos, não penso nisso sem um estremecimento de prazer. Mas eu tinha um filho — que teria agora a tua idade. Quando Egisto o entregou aos mercenários, eu...

ELECTRA

Também tínheis uma filha, minha mãe, ao que parece, e fizestes dela uma lavadeira de loiça. Mas esse pecado não vos atormenta muito.

CLITEMNESTRA

És jovem, Electra. Quem é jovem e não teve ainda tempo de praticar o mal, está em boas condições para condenar. Mas deixa lá que um dia também arrastarás contigo um crime imperdoável. Julgarás a cada passo afastar-te dele e contudo continuará sempre tão difícil de arrastar! Voltar-te-ás e vê-lo-ás atrás de ti, fora do teu alcance, puro e tenebroso como um cristal negro. E então, já o não compreenderás e dirás assim: «Não fui eu, não fui um que fiz». E todavia ele lá estará, cem vezes renegado, lá estará a puxar-te para trás. Ficarás então a saber que comprometeste a tua vida numa única jogada, definitivamente, e que já nada mais poderás fazer senão rebocar o teu crime até à morte. Justa ou injusta, é assim a lei do arrependimento. Veremos então no que dará esse jovem orgulho.

ELECTRA

O meu jovem orgulho? Vê-se que é a vossa juventude que lastimais, mais ainda que o vosso crime; é a minha juventude que odiais, mais ainda que a minha inocência.

CLITEMNESTRA

O que odeio em ti, Electra, é eu própria. Não é a juventude — oh! não! — é a minha.

ELECTRA

Pois eu é a vós, é mesmo a vós, que odeio.

CLITEMMESTRA

Que vergonha! Estamos a injuriar-nos como duas mulheres da mesma idade que uma rivalidade amorosa tivesse atirado uma contra a outra. E contudo sou tua mãe. Não sei quem és tu, rapaz, nem o que vens fazer entre nós, mas a tua presença é nefasta. Electra odeia-me e eu já o sabia. Mas sempre nos calámos durante quinze anos e só os nossos olhares nos atraiçoavam. Agora tu viestes e falastes connosco e aqui estamos a mostrar os dentes uma à outra e a rosnar como cadelas. As leis da cidade obrigam-nos a oferecer-te hospitalidade. Mas não te escondo que desejaria que te fosses embora. Quanto a ti, minha filha, imagem fiel de mim própria, é verdade que não te amo. Porém, preferia cortar a mão direita a ter que te fazer mal. Mas não te aconselho a erguer contra Egisto a tua peçonhenta cabeça; ele sabe bem com uma paulada partir a espinha às víboras, E melhor que faças o que te manda, se não te queres arrepender.

ELECTRA

Podeis dizer ao rei que não vou à festa. Sabes o que fazem, Filebo? Há na parte alta da cidade uma caverna cujo fundo nunca foi atingido pelo rapazio; dizem que comunica com os infernos e o Grande Sacerdote mandou-a tapar com uma pedra enorme. Pois bem, acreditarás no que te vou dizer? Em cada aniversário, o povo junta-se diante dessa

caverna, os soldados empurram para o lado a pedra que lhe tapa a entrada e, pelo que dizem, os nossos mortos, vindos do inferno, espalham-se pela cidade. Põem-lhes os talheres nas mesas, dão-lhes cadeiras e leitos, e chegam-se mais uns para os outros para lhes dar lugar ao serão. Os mortos correm tudo, e todas as atenções e cuidados são para eles. Estás já a ver como são as lamentações dos vivos, não estás? «Meu mortozinho, meu mortozinho, não te quiz ofender, perdoa-me», Amanhã de manhã, ao cantar do galo, voltarão para debaixo da terra, a pedra será empurrada contra a entrada da gruta e tudo estará terminado até ao ano que vem. Não quero tomar parte nessas macacadas, É dos seus mortos que se trata; não dos meus.

CLITEMNESTRA

Se não quiseres obedecer, o rei já ordenou que te levem à força.

ELECTRA

À força? Ah! Ah! À força? Está bem. Minha boa mãe, peço-vos que assevereis ao rei a minha obediência. Comparecerei à festa e já que o povo me quer lá ver, não o desiludirei. E quanto a ti, Filebo, peço-te que adies a tua partida e assistas à nossa festa. Acharás lá talvez; motivo para rir. Até já. Vou-me arranjar.

Sai.

CLITEMNESTRA, *a Orestes*

Vai-te, Tenho a certeza que nos causarás alguma desgraça. Não podes querer-nos mal uma vez que nada te fizemos. Vai-te. Pela tua mãe, suplico-te que vás.

Sai.

ORESTES

Pela minha mãe.

Entra Júpiter.

CENA VI

ORESTES E JÚPITER

JÚPITER

Acabo de ser informado pelo vosso criado de que ides partir. Anda ele a correr em vão pela cidade à procura de cavalos. Mas eu posso arranjar-vos duas éguas já aparelhadas por um preço módico.

ORESTES

Já não parto,

JÚPITER, *lentamente*

Já não partis? (Pausa. Com vivacidade.) Então não vos deixo; sois meu convidado. Há, na parte baixa da cidade, uma estalagem razoável onde vamos ficar os dois. Não vos arrependereis de ter escolhido a minha companhia. Mas primeiro — abraxás, galá, galá, tsé, tsé, — liberto-vos das moscas. Além disso um homem da minha idade é as mais das vezes um bom conselheiro. Poderia ser vosso pai e... contar-me-eis a vossa história. Vinde, meu jovem, deixai-vos levar sem resistir; encontros destes são muitas vezes mais proveitosos do que o que se poderia julgar à primeira vista. Vede por exemplo Telémaco, o filho do rei Ulisses, como

sabeis. Um belo dia encontrou um velho chamado Mentor que se lhe juntou, passando a segui-lo por toda a parte. Pois bem, sabeis quem era esse Mentor?

Leva-o consigo, conversando, e o pano cai

CAI O PANO

SEGUNDO ACTO

PRIMEIRO QUADRO

Uma plataforma na montanha. Â direita, a caverna cuja entrada está tapada por uma pedra negra. À esquerda, alguns degraus conduzem a um templo.

CENA I

A MULTIDAO E DEPOIS JÚPTER

ORESTES E O PEDAGOGO

UMA MULHER, que se ajoelha diante dum filho

Olha a gravata. Com esta, já são três vezes que te faço o nó. (Escova-o com a mão.) Pronto. Assim já estás limpo. Tem juízo e chora como os outros, quando te mandarem.

A CRIANÇA

É por ali que eles vêm?

A MULHER

É

A CRIANÇA

Tenho medo.

A MULHER

É bom ter medo, queridinho. Muito medo. Para poderes vir a ser alguém.

UM HOMEM

Está hoje um bom tempo para eles.

OUTRO HOMEM

Ainda bem! Oxalá ainda continuem sensíveis ao calor do sol. O ano passado chovía e portaram-se terrivelmente.

O PRIMEIRO

Terrivelmente.

O SECUNDO

Ai de nós!

TERCEIRO HOMEM

Quando regressarem ao seu buraco e nos deixarem, sou eu quem vai trepar até cá acima para olhar esta pedra e dizer: «Por agora já chega».

QUARTO HOMEM

Sim? Pois olhai que isso a mim não me consola. A partir de

amanhã, começarei a perguntar-me: «Como se portarão no ano que vem?» De ano para ano vão ficando piores.

O SEGUNDO

Gaia-te, desgraçado. Pode ser que algum deles já se tenha esgueirado por qualquer fenda no rochedo e ande por aqui à nossa volta... Há mortos que chegam adiantados à cerimónia.

Entreolham-se inquietos

UMA MULHER AINDA NOVA

Se ao menos pudesse começar já! Onde estarão os do palácio? Parece que não têm pressa. A mim o que mais me custa é esta espera: estar aqui, sob um céu ardente, com os olhos sempre em cima daquela pedra negra... Ah! E eles lá em baixo, atrás da pedra, também à espera como nós, mas já a antegozar o mal que nos vão fazer!...

A VELHA

Pois é, minha cabra! A ti bem eu sei o que te assusta. O teu homem morreu a Primavera passada com os cornos que já há dez anos lhe andavas a pôr.

MULHER NOVA

Está bem, confesso que o enganei tanto quanto pude; mas gostava dele e dava-lhe uma bela vida; nunca desconfiou de nada e quando morreu ainda me deitou um olhar meigo de cão agradecido. Agora já sabe de tudo, estragaram-lhe a alegria e por isso sofre e odeia me. É dentro em pouco tê-lo-ei juntinho a mim com o corpo esfumado a penetrar o meu, tão intimamente como nenhum vivo jamais o fez. Ah! Irá daqui comigo, enrolado ao meu pescoço como se fosse uma pele. Já lhe preparei uma pequena refeição das que ele gostava, com umas comidinhas finas, uns bolos de farinha, etc. Mas nada apaziguará o seu rancor; e esta noite... esta noite estará comigo na cama.

UM HOMEM

Ela tem razão, pois claro. Mas que é de Egisto? Em que estará a pensar? Já não aguento mais esta espera.

OUTRO HOMEM

Não te queixes muito. Julgas que Egisto tem menos medo que nós? Gostarias de estar no lugar dele e passar vinte e quatro horas sozinho com Agamémnon?

MULHER NOVA

Ah! Que espera tão horrível! Parece-me que já vos vejo a todos a afastarem-se de mim, lentamente. Ainda não arrancaram dali a pedra e já cada um de nos está só como uma gota de água, atormentado pelos seus mortos,

Entram, Júpiter, Orestes e o Pedagogo.

JÚPTER

Vem por aqui; ficamos melhor.

ORESTES

São então estes os cidadões de Argos, os mui fiéis súbditos do rei Agamémnon?

O PEDAGOGO

Que feios que são! Reparai, senhor, na sua. palidez de cera e nos seus olhos encovados. Esta gente está mesmo a morrer de medo. Ora aqui tendes os efeitos da superstição. Olhai, Olhai. E se quereis mais uma prova da excelência da minha filosofia reparai a seguir na frescura do meu rosto.

JÚPITER

Mas que beleza de frescura. Mais bochecha rosada ou menos bochecha rosada, não é isso que te vai impedir, meu velhote, de ser estrume aos olhos de Júpiter, como todos estes. Além disso, deitas um cheiro insuportável, sem o saberes. Agora eles, que têm as narinas cheias dos seus próprios odores conhecem-se melhor do que tu.

A multidão começa a resmomear.

UM HOMEM, subindo os degraus do templo dirige-se à multidão

Querem enlouquecer-nos ? Unamos as, nossas vozes e chamemos Egisto. Não podemos tolerar que nos façam esperar mais tempo pela cerimónia.

A MULTIDÃO

Egisto! Egisto! Egisto!

UMA MULHER

Ah! sim! Piedade! Piedade! Então ninguém tem piedade de mim?! Ele vai chegar, com a garganta aberta esse homem que tanto odiei, vai envolver-me nos seus braços invisíveis e viscosos, e ser meu amante a noite inteira, a noite inteira. Ah!

Desmaia.

ORESTES

Que loucura! É preciso dizer a esta gente.,,

JÚPITER

O quê, meu jovem, tanto incômodo por uma mulher que tem um flato? Vereis mais.

UM HOMEM, *ajoelhando-se*

Vejam como tresando! Sou uma carcassa imunda. Olhai, as

moscas andam em cima de mim como corvos! Picai, furai, cavai, o moscas vingadoras! Furai esta carne até ao coração imundo! Eu pequei cem mil vezes, sou um esgoto, uma fossa...

JÚPITER

Como é bom este homem!

ALGUNS HOMENS, *erguendo-o*

Está bem, está bem. Depois conta-lhes isso quando eles vierem.

O homem fica estupidifícado; arqueja, rebolando os olhos.

A MULTIDÃO

Egrtsto! Egisto! Ordena que comece, por piedade. Não podemos mais.

Egisto aparece. nos degraus do templo. Atrás dele estão Clitemnestra, o Grande Sacerdote e alguns guardas.

CENA II

OS MESMOS, EGISTO, CLITEMNESTRA, O GRANDE SACERDOTE E OS GUARDAS

EGISTO

Cães! Tendes a ousadia de vos lamentardes? Já vos não lembrais da vossa abjecção ? Por Júpiter, que vos vou refrescar a memória. (Volta-

se para Clitemnestra). Vamos mesmo ter que começar sem ela. Mas que tome cuidado. Vou dar-lhe um castigo exemplar.

CLITEMNESTRA

Tinha-me prometido obedecer-vos. Estou certa de que está a arranjar-se; talvez se tenha atrasado ao espelho.

EGISTO, *aos guardas*

Vão procurar Electra ao palácio e tragam-na aqui, quer queira, quer não. (Os guardas saem. Egisto dirige-se novamente à multidão). Aos vossos lugares. Os homens à minha direita, as mulheres e crianças à minha esquerda. Assim.

Silêncio. Egisto espera.

O GRANDE SACERDOTE

Esta gente já não pode mais.

EGISTO

Eu sei. Se os guardas...

Os guardas regressam.

UM GUARDA

Procurámos por toda a parte a princesa, Senhor, No palácio não está ninguém.

EGISTO

Está bem. Amanhã ajustaremos as contas. (Para o Grande Sacerdote), Começa.

O GRANDE SACERDOTE

Tirem a pedra.

A MULTIDÃO

Ah?

Os guardas tiram a pedra. O Grande Sacerdote adianta-se até à entrada da caverna.

O GRANDE SACERDOTE

Vós, ó olvidados, ó abandonados, ó desenganados, vós que vos arrastais no escuro ao nível do chão, como os gases das entranhas da terra, e que nada mais tendes de vosso, além do vosso despeito, vós ó mortos! De pé que é o vosso dia! Vinde, vinde como um enorme vapor de enxofre empurrado pelo vento; vinde. lá das entranhas da terra, ó mortos cem vezes mortos! Vós, que morreis de novo a cada uma das nossas pulsações! É em nome da ira, da amargura e do espírito de vingança que vos invoco! Vinde saciar o vosso ódio sobre os vivos! Vinde e espalhai-vos pelas nossas ruas como um nevoeiro espesso! Introduzi as vossas legiões cerradas por entre a mãe e o filho e por entre os amantes! Fazei-nos ter pena de não estarmos mortos! De pé, ó vampiros, larvas, espectros, harpias! De pé, ó terror das nossas noites! De pé, ó deserdados da sorte, ó humilhados! De pé, ó mortos de fome cujo grito de agonia foi uma maldição! Olhai ali os vivos. as vossas gordas presas vivas! Vamos, carregai sobre eles em turbilhão e roei-os até aos ossos! De pé! De pé! De pé!..,

Ouve-se um Tam-Tam. O Sacerdote dansa diante da entrada da caverna, primeiro lentamente, a seguir cada vez mais depressa até cair extenuado.

EGISTO

Ai estão eles!

A MULTIDÃO

Que horror!

ORESTES

Acho que já basta e vou...

JÚPITER

Olha para mim, rapaz, olha para mim bem de frente! Percebeste? Agora cala-te!

ORESTES

Quem sois vós?

JÚPITER

Sabê-lo-ás mais tarde,

Egisto desce lentamente os degraus do palácio.

ETISTO

Ai estão eles. (Um silêncio). Aí está ele Aríeia, o marido de quem zombaste. Aí está ele juntinho a ti, a apertar-te nos seus braços. Como te aperta, como te ama, como te odeia! Nicias, aí está ela, a tua mãe que morreu por falta de cuidados. E tu Cegestes, infame usurário, aí tens todos os teus infelizes devedores, os que morreram na miséria e os que se enforcaram porque os estavas arruinando. Aí estão eles, e são eles hoje os teus credores. E vós, ó pais, ó meigos pais, baixai um pouco o vosso olhar, olhai mais para baixo, para o chão: aí estão os vossos filhos mortos, a estender as suas mãozinhas; e todas as alegrias que lhes roubastes, todas as penas que lhes infligistes, pesam agora como chumbo nas suas alminhas ressentidas e desoladas.

A MULTIDÃO

Piedade!

EGISTO

Ah! pois! Piedade! Não sabeis que os mortos Não têm piedade!? As suas queixas são impossíveis de satisfazer já que as suas contas estão encerradas para sempre. É com boas acções, Nicias que esperas apagar o mal que fizeste à tua mãe? Mas que boa acção poderia alguma vez chegar até ela? A sua alma é um meio-dia escaldante sem um sopro de vento, onde nada se agita, nada muda e nada vive. Um enorme sol descarnado e imóvel a atormenta eternamente. Os mortos já não existem — se é que compreendeis esta frase implacável — já não existem e é por isso que se tornaram nos guardadores incorruptíveis dos vossos crimes.

A MULTIDÃO

Piedade!

EGISTO

Piedade? Ah! Cabotinos, que hoje tendes público! Sentis pesar nas faces e nas mãos os olhares desses milhões de olhos fixos e desesperados? Eles estão a ver-nos, eles estão a ver-nos, estamos nus diante da assembleia dos mortos. Ah! Ah! Como estais embaraçados, agora! Como vos queima esse olhar invisível e puro, mais inalterável que a memória dum olhar.

A MULTIDÃO

Piedade!

OS HOMENS

Perdoai-nos o vivermos enquanto estais mortos!

AS MULHERES

Piedade! Estamos rodeados pelos vossos rostos e pelos objectos que vos pertenceram, trazemos sobre nós o luto eterno que por vós

deitámos e choramos da alvorada até à noite e da noite até à alvorada. Por mais que façamos, a vossa memória apaga-se e desliza-nos por entre os dedos; cada dia empalidece um pouco mais e ficamos assim um pouco mais culpadas. Vós ides-nos deixando, ides-nos deixando, ides saindo de dentro de nós e é como se nos sangrassem. E contudo, se é que isto pode saciar as vossas almas, ó queridos ausentes, ficai sabendo que nos estragastes a vida.

OS HOMENS

Perdoai-nos o vivermos enquanto estais mortos!

AS CRIANÇAS

Piedade! Não foi por nossa vontade que nascemos e temos até vergonha de estar crescendo. Como teríamos podido ofender-vos? Reparai que mal temos vida e como estamos magros, pálidos e pequeninos; não fazemos ruído e passamos sem mesmo agitar o ar à nossa volta. E temos medo de vós, oh! sim, tanto medo!

OS HOMENS

Perdoai-nos o vivermos enquanto estais mortos!

EGISTO

Basta! Basta! Se vos lamentais assim, que direi então eu, o vosso rei? O meu suplício vai começar; já treme o chão e já o ambiente escureceu; vai aparecer o maior de entre todos os mortos, Agamémnon, aquele que matei por minhas próprias mãos.

ORESTES, *puxando pela espada*

Debochado! Não permitirei que mistures o nome de meu pai nas tuas pantominices!

JÚPITER, *agarrando-o pelo meio do corpo*

Quieto, jovem, quieto!

EGISTO, *voltando-se*

Quem ousa...? (Electra aparece de vestido branco ao cimo dos degraus do templo. Egisto vê-a). Electra!

A MULTIDÃO

Electra!

CENA III

OS MESMOS E ELECTRA

EGISTO

Que quer dizer esse trajo, Electra?

ELECTRA

Pus o mais belo dos meus vestidos, É ou não hoje o dia de festa?

O GRANDE SACERDOTE

Vens aqui desafiar os mortos? Bem sabes que é o seu dia e por isso deverias comparecer vestida de luto.

ELECTRA

De luto? Porquê de luto? Dos meus mortos não tenho medo e com os vossos não tenho nada!

EGISTO

Disseste a verdade; os teus mortos não são os nossos. Olhai-a com o seu trajo de p..., a neta de Atreu, desse Atreu que assassinou cobardemente os sobrinhos. Quem és tu pois, senão a última descendente duma raça maldita?! Tolerei-te até aqui, por piedade, no meu palácio, mas reconheço hoje o meu erro pois te corre ainda nas veias o velho sangue podre dos Átridas e acabarias por nos contaminar a todos se eu não tratasse de o evitar. Espera um pouco cadela, e verás se sei ou não castigar. Não terás lágrimas que te cheguem!

A MULTIDÃO

Sacrilégio!

EGISTO

Estás a ouvir, desgraçada, como atroa a vois desse povo que ofendeste e como classifica a tua conduta?

A MULTIDÃO

Sacrilégio!

ELECTRA

É por acaso um sacrilégio estar contente? Por que não se alegram também eles? Quem disso os impede?

EGISTO

Ela a rir-se e é o seu próprio pai que aí está com sangue coagulado na face...

ELECTRA

Como ousais falar em Agamémnon? Sabeis por acaso se ele não vem à noite falar-me ao ouvido? Sabeis que palavras de amor me sussurra a sua voz rouca e cansada? Rio, é verdade, rio e sinto-me feliz. Julgais que a minha felicidade não alegra o coração do meu pai? Ah! Se ele estiver aqui e vir a sua filha de vestido branco, a sua filha que vós reduzistes à abjecta condição de escrava, se vir que ela traz agora o rosto levantado e que a desgraça não abateu a sua nobreza de alma, não pensará com certeza em amaldiçoar-me; brilham seus olhos em seu rosto torturado e tentam sorrir os seus lábios ensanguentados.

A MULHER NOVA

Não, mente, está doida. Electra, vai-te por favor, senão a tua impiedade recairá sobre nós.

ELECTRA

Mas de que tendes medo? Olho à vossa volta e apenas vejo as vossas sombras. Agora escutai o que acabo de saber e que desconheceis talvez; há cidades felizes na Grécia. Cidades claras e calmas que se aquecem ao sol como lagartos. A esta mesma hora, sob este mesmo céu há crianças a brincar nas praças de Corinto. E as mães não pedem qualquer perdão por os ter trazido ao mundo. Olham-nos sorrindo e têm orgulho deles. Sois ainda capazes de compreender o orgulho duma mulher que olha o seu filho e pensa: «Foi eu que o trouxe no meu seio»?

EGISTO

Se não te calas far-te-ei engolir todas essas palavras.

VOZES, *na multidão*

Sim, sim. Que se cale! Basta, basta!

OUTRAS VOZES

Não, deixai-a falar! Deixai-a falar. É Agamémnon que a inspira.

ELECTRA

Está um lindo dia. Por toda a parte, na planície, os homens levantam o rosto, dizem: «Está um lindo dia» e ficam contentes. Ó carrascos de vós próprios, já esquecestes a humilde satisfação do camponês quando passa sobre a sua terra e diz: «Que lindo dial»? Aí estais vós de braços pendentes e cabeça baixa, respirando a custo. Os vossos mortos colam-se a vós e ficais imóveis com receio de os acotovelar ao menor gesto. Seria horrível, não é? Se as vossas mãos penetrassem de repente uma pequena nuvem húmida que seria a alma do vosso pai ou avô? Agora olhai para mim: estendo os. braços, estico-me toda como se despertasse e ocupo o meu lugar ao sol, todo o meu lugar. Cai-me por acaso, o céu na cabeça? Olhai como danço e nada mais sinto além do sopro do vento nos cabelos. Onde estão os mortos? Julgais que dançam ao meu compasso?

O GRANDE SACERDOTE

Habitantes de Argos, digo-vos que esta mulher é sacrílega. Que a desgraça caia sobre ela e sobre-os que a escutarem.

EUECTRA

Ô meus mortos queridos, Ifigênia, minha irmã mais velha, e Agamémnon, meu pai e meu único rei, escutai a minha prece. Se sou sacrílega e ofendo os vossos nomes cheios de dor, fazei-me depressa um sinal, para que o saiba. Mas se me aprovais, ô meus queridos, então calaí-vos por favor, e que nem uma folha se mexa, nem um rebento de erva se agite e nenhum ruído venha perturbar a minha dança sagrada. Que eu danço para que haja alegria, danço para que haja paz entre os homens, para que haja felicidade e haja vida. O meus mortos, reclamo o vosso silêncio para que os homens que me rodeiam saibam que estais comigo do coração!

Dança

VOZES, *na multidão*

E dança! Olhai-a, leve como a chama, a dançar ao sol, como uma bandeira ao vento. E os mortos calam-se!

A MULHER NOVA

Olhai a sua face em êxtase. Não, não é o rosto duma descrente. Então Egisto, Egisto! Não dizes nada? Por que não respondes?

EGISTO

Discute-se porventura com os animais asquerosos? O que se faz é aniquilá-los! Fiz mal em a poupar outrora; mas é um mal reparável: não temais, vou esmagá-la e a sua raça acabará com ela.

A MULTIDÃO

Ameaçar não é responder, Egisto! Sô tens isso para nos dizer?

A MULHER NOVA

Dança, sorri, está contente e os mortos parecem protegê-la, Ah, Electra, como te invejo! Olha, também eu abro os braços e ofereço sol ao meu peito.

VOZES, *na multidão*

Os mortos calam-se! Mentiste-nos, Egisto!

ORESTES

Querida Electra!

JÚPITER

Pois vou-lhe fazer meter a viola no saco, a está catria. (Estendendo o braço), Posidom, caribu, caribom, lalabal.

A enorme pedra que obstruía a entrada da caravana, rola com estrondo de encontro aos degraus do templo. Electra pára de dançar.

A MULTIDÃO

Que horror!

Um longo silêncio.

O GRANDE SACERDOTE

Ô povo cobarde e demasiado leviano; ai tendes a vingança dos mortos! Olhai as moscas como carregam sobre nós em espessos turbilhões! Escutastes uma voz sacrílega e ficámos amaldiçoados!

A MULTIDÃO

Nós não fizemos nada, não tivemos culpa, ela veio e seduziu-nos com as suas palavras envenenadas! Ao rio com a bruxa ao rio! À fogueira!

UMA VELHA, *apontando a mulher nova*

E a esta aqui que bebia as suas palavras como se fossem mel, arrancai-lhe o vestido, deixai-a nua e chicoteai-a até fazer sangue.

A mulher nova é agarrada e alguns homens transpõem os degraus da escada, precipitando-se sobre Electra.

EGISTO, *entretanto, recompôs-se*

Silêncio, cães. Regressai aos vossos lugares em boa ordem e deixai comigo a punição, (*Silêncio*). Então, vistes quanto custa não me obedecer? Duvidais acaso ainda do vosso rei? Regressai às vossas casas, os mortos irão convosco e serão vossos hóspedes todo o dia e toda a noite. Dai-lhes um lugar à vossa mesa, à lareira e na vossa cama. Fazei com que o vosso comportamento exemplar lhes faça esquecer tudo quanto aqui se passou. Quanto a mim, eu vos perdoo, embora as vossas dúvidas me tenham magoado. Agora tu, Electra...

ELECTRA

Eu o quê? Desta vez falhei. Para a próxima será melhor.

EGISTO

Não terás tal oportunidade. Ás leis da cidade proibem-me de te castigar neste dia de festa. Tu sabia-lo e por isso abusaste. Mas agora já não fazes parte da cidade e por isso te vou expulsar. Irás descalça, sem bagagem e com esse vestido infame em cima do corpo. Se amanhã à alvorada ainda estiveres dentro dos nossos muros, darei ordem para que sejas abatida como uma ovelha tinhosa por quem quer que te encontre.

Sai, seguido pelos guardas, A multidão passa diante de Electra, acenando-lhe com o punho fechado.

JÚPITER, *para Orestes.*

Então, senhor? Ficastes edificado? Ou eu me engano muito, ou aqui temos uma história bem moral: os maus foram castigados e os bons recompensados, (Apontando Electra). Essa mulher...

ORESTES

Essa mulher é minha irmã, velho, Vai-te embora que lhe quero falar.

JÚPITER, *olhado por um momento, e em seguida, encolhe os ombros*

Como quiseres.

Sai, seguido pelo Pedagogo.

CENA IV

ELECTRA, *nos degraus do templo, e* ORESTES

ORESTES

Electra!

ELECTRA *levanta a cabeça e olha paar ele*

Ah! Estás aí, Filebo?

ORESTES

Não podes ficar na cidade nem mais uma hora, Electra, Estás em perigo.

ELECTRA

Em perigo? Ah! É verdade. Viste como falhei. Tens culpa também, mas não te quero mal por isso.

ORESTES

Que fiz eu?

ELECTRA

Enganaste-me, (Desce até ele). Deixa-me ver a tua cara. Sim, prendi-me nos teus olhos.

ORESTES

O tempo urge, Electra. Escuta: vamos fugir os dois. Já mandei

arranjar cavalos. Levar-te-ei na garupa.

ELECTRA

Não.

ORESTES

Não queres fugir comigo?

ELECTRA

Não quero fugir.

ORESTES

Levar-te-ei a Corinto.

ELECTRA, *rindo*

Ah! Corinto... Estás a ver, não fazes de propósito mas continuas a enganar-me. Que faria eu em Corinto? Tenho que ser razoável Ainda ontem tinha desejos tão modestos: enquanto servia à mesa, de olhos semicerrados e olhava por entre as pestanas o real par ela a velha beleza morta, e ele, gordo e pálido, com a sua boca mole e aquela barba preta que lhe vai de orelha a orelha como um regimento de aranhas, sonhava com ver um dia uma nuvem, uma nuvenzinha, sair dos seus ventres abertos como o bafo que nos sai da boca nas manhas irias. Nada mais eu queria, Filebo, juro-te. Não sei o que queres mas não devo acreditar-te o teu olhar não é modesto. Sabes o que pensava antes de te conhecer? Era que a única coisa sensata que se pode desejar na terra é pagar com mal o mal que nos fizeram.

ORESTES

Electra, se vieres comigo, verás que se podem desejar também muitas outras coisas sem perder a sensatez.

ELECTRA

Não quero ouvir-te mais; causaste-me muito mal. Vieste, com os olhos ávidos nesse rosto gentil de rapariga e fizeste-me esquecer o meu ódio; abri as mãos e deixei cair aos pés o meu único tesouro. Viste o que aconteceu: eles gostam do seu penar, sentem a necessidade de uma ferida que lhes seja familiar e que mantenham aberta, arranhando-a com as unhas sujas. É pela violência que terão de ser curados pois não se pode vencer um mal senão com outro mal. Adeus, Filebo, vai-te e deixa-me com os meus sonhos maus.

ORESTES

Vão matar-te.

ELECTRA

Há aqui um santuário, que é o templo de Apolo; os criminosos refugiam-se nele às vezes, e enquanto lá estão ninguém pode tocar-lhes num só cabelo que seja. Vou lá esconder-me.

ORESTES

Por que recusas a minha ajuda?

ELECTRA

Não és tu quem me deve ajudar. Outro alguém virá libertar-me. (Uma pausa.) Sei que o meu irmão não morreu. E estou à sua espera.

ORESTES

E se ele não vier?

EIECTRA

Virá, não pode deixar de vir, li da nossa raça, sabes? Tem como

eu, no sangue o crime e a desgraça. Deve ser um destes soldados fortes, com os grandes olhos avermelhados do nosso pai, sempre a curtir a sua cólera. Estou convencida de que sofre e já se enredou no seu destino tal como os cavalos estripados enredam as patas nos próprios intestinos; agora a cada movimento que fizer, é como se arrancasse as entranhas. Virá, tenho a certeza de que esta cidade o atrai pois é aqui que mais mal pode fazer tanto a si próprio como aos outros. Virá, de cabeça baixa, agitado e a sofrer. Mete-me medo; todas as noites o vejo em sonhos e acordo a gritar. Mas estou à sua espera e amo-o, Tenho que ficar aqui para guiar o seu rancor — que eu tenho miolos —, para lhe apontar os culpados e para lhe dizer: «Aí estão eles! Fere, Orestes, fere!»

ORESTES

E se ele não for como tu o imaginas?

ELECTRA

Como queres que seja o filho de Agamémnon e de Clitemnestra?

ORESTES

E se porventura ele estiver farto de toda essa sangueira, visto ter crescido numa terra feliz?

ELECTRA

Nesse caso escarrar-lhe-ia na cara e dir-lhe-ia: «Vai-te, cão, vai para junto das mulheres pois não és senão uma mulher. Mas estás muito enganado: és neto de Atreu e não fugirás ao destino dos Atridas. É contigo se preferiste a vergonha ao crime! Mas a destino irá ter contigo à cama; sentirás primeiro a vergonha e cometerás depois o crime a despeito de ti próprio!»

ORESTES

Electra eu sou Orestes.

ELECTRA, *num grito*

Mentes!

Juro-te pelos manes de Agaméranon, meu pai: sou Orestes. *(Silêncio,)* Então? Por que esperas para me escarrar na cara?

ELECTRA

Como o poderia eu? *(Olha-o.)* Essa bela fronte é a do meu irmão. Esses olhos que brilham são os do meu irmão. Orestes... Ah! Gostaria antes que continuasses a ser Filebo e que meu irmão estivesse morto. *(Timidamente.)* É verdade que viveste em Corinto?

ORESTES

Não. Foram uns burgueses de Atenas que me educaram.

ELECTRA

Como pareces jovem! Já te bateste alguma vez? Essa espada que aí trazes, nunca a usaste?

ORESTES

Nunca.

ELECTRA

Sentia-me menos só quando ainda não te conhecia. Esperava o outro. Só pensava na sua força e não na minha fraqueza. Agora aqui estás; eras tu Orestes. Olho-te e vejo que somos dois órfãos. *(Pausa.)* Mas eu amo-te, sabes? Mais do que o teria amado a ele.

ORESTES

Vem; se me amas, fujamos os dois.

ELECTRA

Fugir? Contigo? Não. É aqui que se joga o destino dos Átridas, e eu sou uma Átrida. Nada te peço. Já não quero pedir nada a Fílebo, Mas fico aqui.

Júpiter aparece ao fundo da cena e escondesse para os escutar.

ORESTES

Electra, sou Orestes... o teu irmão. Também sou um Átrida e o teu lugar é a meu lado.

ELECTRA

Não. Tu não és o meu irmão, nem te conheço. Orestes morreu, tanto melhor para ele; daqui em diante respeitarei os seus manes tal como os do meu pai e de minha irmã. Mas tu, tu que vens reivindicar o nome de Átrida, quem és para te considerares dos nossos? Tens passado por acaso a vida à sombra dum crime? Deves ter sido uma criança sossegada, com um olhar doce e reflectido, o orgulho do teu pai adoptivo, uma criança limpa, de olhos brilhantes de confiança. Confiavas na vida por seres rico e teres muitos brinquedos; uma vez por outra deves ter pensado que o mundo não era mau de todo e que era um prazer deixarmo-nos andar como num bom banho tépido, a suspirar de satisfação. Eu, aos seis anos já era uma simples serva e desconfiava de tudo e de todos. *(Pausa.)* Vai-te embora, boa alma. Não quero nada com as boas almas. Era um cúmplice que eu queria.

ORESTES

Julgas que te deixo sozinha? Que farias aqui, perdida a tua última esperança?

ELECTRA

Isso é comigo. Adeus, Filebo.

ORESTES

Mandas-me embora? (Dá uns passos e pára). Tenho alguma culpa de não me parecer "com esse brutamontes irado que esperavas? Ter-lhe-ias pegado na mão e dito; «Fere!» A mim, não me pediste nada. Quem sou então eu, bom Deus, para que até a minha irmã me, repila, sem ao menos me ter posto à prova?

ELECTRA

Ah! Filebo, jamais poderia carregar com tal peso o teu coração sem ódio.

ORESTES, *sucumbido*

Dizes bem: sem ódio, E também sem amor, A ti, teria eu podido amar-te. Teria podido... Mas quê? Para amar ou odiar é preciso entregarmo-nos. Como é belo, na verdade, o homem rico, solidamente instalado entre os seus bens e que um dia se entrega ao amor, ao ódio, e que entrega consigo a sua terra, a sua casa e as suas memórias. Agora eu o que sou e que tenho para dar? Mal existo; de todos os fantasmas que andam hoje pela cidade, nenhum é mais fantasma que eu. Tive amores de fantasma, hesitantes e diáfanos como vapores; mas desconheço as paixões dos vivos. *(Pausa,)* Que vergonha! Regressei à minha cidade natal e a minha irmã recusou-se a reconhecer-me. Aonde irei agora? Em que outra cidade terei ainda que vaguear?

ELECTRA

Então não há nenhuma onde uma bonita rapariga esteja à tua espera?

ORESTES

Ninguém está à minha espera. Vou de terra em terra, estranho aos outros e a mim próprio, e as cidades fecham-se atrás de mim como o mar calmo. Se eu deixar Argos, que ficará da minha passagem senão a tua

amarga desilusão?

ELECTRA

Falaste-me de cidades felizes...

ORESTES

Não me interessa a felicidade. O que eu quero são as mainhas recordações, o meu solo, o meu lugar entre os homens de Argos. *(Silêncio,)* Não sairei daqui, Electra.

ELECTRA

Suplico-te, Filebo, vai-te. Tenho pena de ti e se me queres bem, vai-te. Aqui só o mal te pode acontecer e a tua inocência faria fracassar os meus empreendimentos.

ORESTES

Não sei.

ELECTRA

E julgas que te vou deixar ficar com a tua pureza importuna, como um juiz das minhas acções, temível e mudo? Por que teimas? Ninguém te quer aqui.

ORESTES

É a minha única oportunidade. Não ma podes recusar, Electra. Procura compreender-me: quero ser um homem dum lugar certo, um homem entre os homens. Olha: um escravo, quando passa cansado e resmungão, carregando um fardo pesado, a arrastar as pernas e a olhar os pés, apenas, os pés, para evitar cair, está na sua cidade, como uma folha na folhagem ou a árvore na floresta; Argos está à sua volta, pesada e quente, cheia de si própria. Pois eu quero ser esse escravo, Electra, quero

estender a cidade à minha volta e enrolar-me nela como num cobertor. Não me irei embora.

ELECTRA

Cem anos que ficasses entre nós e jamais passarias dum estrangeiro mais só que numa grande caminhada. As pessoas olhar-te-iam de esguelha por entre as pálpebras semicerradas e baixariam a voz quando passasses junto delas.

ORESTES

É assim tão difícil o servir-vos? O meu braço pode defender a cidade e trago dinheiro para aliviar as pessoas miseráveis.

ELECTRA

Não nos faltam capitães nem almas piedosas para praticar o bem.

ORESTES

Então...

Dá uns passos, de cabeça baixa. Júpiter aparece e olha-o, esfregando as mãos.

ORESTES *(erguendo a cabeça)*

Se ao menos eu visse claro no meio disto tudo! Ah! Zeus, Zeus, rei do céu, raramente me tenho voltado para ti e nunca me foste muito favorável, mas és testemunha de que nunca quis senão o Bem. Presentemente estou cansado, já não distingo o Bem do Mal e preciso que me indiquem o caminho. Ó Zeus, deve realmente um filho de rei, expulso da sua cidade natal resignar-se beatificamente ao exílio e abandoná-la como um cão rastejante? É essa a tua vontade? Não quero crê-lo. E todavia... Todavia proibiste que se derramasse sangue... Ah! Quem fala agora em derramar sangue, já nem sei o que digo... Zeus, imploro-te: se a resignação e a humildade abjectiva são as leis que me impões, manifesta-

me então a tua vontade por qualquer sinal, pois já não sei onde possa estar a verdade.

JÚPITER. *consigo próprio*

O quê? É para já! Abraxás, abrâxás, tsê-tsé!

Irradia luz em volta da pedra.

ELECTRA, *rindo abertamente*

Ah! Ah! Hoje temos chuva de milagres! Vês, piedoso Filebo, vês o que se ganha em consultar os deuses?! *(É sacudida por um riso louco.)* Que bonito rapazinho... o piedoso Filebo: «Dá-me um sinal, Zeus, dá-me um sinal!» E eis a luz que irradia em torno da pedra sagrada. Vai-te para Corinto! Para Corinto! Vai-te!

ORESTES, *olhando a pedra*

É então isto... o Bem? *(Pausa; contínua a olhar a pedra.)* —— Ser-se dócil. Muito dócil. Dizer sempre «Perdão» e «Obrigado»... É isto? *(Pausa. Continua a olhar a pedra.)* O Bem. O Bem deles... *(Pausa.)* Electra!

ELECTRA

Põe-te a andar, Põe-te a andar. Não desiludas essa ama zelosa que se preocupa contigo lá no cimo do Olimpo, *(Pára de falar, espantada.)* Que tens?

ORESTES, *com a voz mudada*

Há outra via.

ELECTRA, *assustada*

Não armes em mau, Filebo. Pediste ordens aos deuses; pois bem, aí as tens.

ORESTES

Ordens?... Ah sim,.. Queres dizer, a luz aí, à volta desse pedregulho? Não é para mim essa luz; e a partir de agora já não recebo ordens de ninguém.

ELECTRA

Falas por enigmas.

ORESTES

Como te afastaste de mim, repentinamente... e como tudo mudou! Havia à minha volta alguma coisa de vivo e de quente. Alguma coisa que se extinguiu agora mesmo. Como tudo é vazio... Ah! Que vazio imenso, a perder de vista... *(Dá algum passos.)* Cai a noite... Não te parece que está frio?,.. Mas que foi... que foi então que se extinguiu?

ELECTRA

Filebo...

ORESTES

Sei que há outro caminho... o meu caminho. Não o vês? Vai por aqui em direcção à cidade. É preciso descer, compreendes, descer até vós, que estais no 'fundo duma cova, mesmo no fundo... *(Avança para Electra.)* És a minha irmã, Electra, e esta cidade é a minha cidade. A minha irmã!

Toma-lhe o braço.

ELECTRA

Deixa-me! Fazes-me mal, assustas-me — e não te pertenço.

ORESTES

Eu sei. Ainda não; sou demasiado leve. Preciso de lastro, de

praticar uma má acção bastante pesada para me fazer ir a pique mesmo até ao fundo de Argos.

ELECTRA

Que vais fazer?

ORESTES

Espera. Deixa-me dizer adeus a esta leveza, de espírito imaculado como foi a minha. Deixa-me dizer adeus à mocidade. Ah! Aquelas noites, aquelas noites de Corinto ou de Atenas, cheias de canções e odores e que jamais voltarão a ser minhas. E aquelas manhãs... Tão cheias de esperança... Vamos! Adeus! Adeus! *(Vem para junto de Electra.)* Vem Electra, olha a nossa cidade. Ela aí está, rubra de sol, cheia de homens e de moscas e do torpor obstinado duma tarde de Verão; todas as suas paredes, os seus telhados e as suas portas cerradas me repelem. E todavia hei-de conquistá-la, sinto-o desde esta manhã. E também a ti, Electra, te hei-de conquistar. Conquistar-vos-ei. Tornar-me-ei acha de armas e racharei ao meio essas muralhas teimosas, abrirei o ventre dessas casas de beatice que exalarão pelas suas feridas vermelhas um odor a chiqueiro e a incenso. Tornar-me-ei machado e penetrarei até ao âmago dessa cidade tal como o machado penetra até ao âmago do carvalho.

ELECTRA

Como tu mudaste: os teus olhos já não brilham, estão sombrios e baços, Ai, eras tão meigo, Filebo. E de repente começaste a falar-me como o outro me falava em sonhos.

ORESTES

Escuta: supõe que chamo sobre mim todos os crimes dessa gente que está agora a tremer encafuada em salas escuras, rodeada pelos seus queridos defuntos. Supõe que queira ser apodado de «ladrão de remorsos» e que chame a mim todos os seus arrependimentos: tanto o da mulher que enganou o marido, como o do mercador que deixou morrer a

mãe, como ainda o do usurário que sugou os devedores até à morte.

Agora diz-me, nesse dia, quando trouxer em mim mais remorsos do que moscas há em Argos, quando estiverem comigo todos os remorsos da cidade, terei ou não adquirido foros de cidadão perante vós? Estarei ou não no meu ambiente no meio das vossas muralhas cobertas de sangue, tal como o magarefe de avental avermelhado o está na sua loja entre os bois ensanguentados que acabou de esfolar?

ELECTRA

Queres expiar por nós?

ORESTES

Expiar? O que eu disse foi que chamaria a mim os vossos arrependimentos; não disse o que faria a essas aves barulhentas; é provável que lhes torça o pescoço.

ELECTRA

E como poderás chamar a ti os nossos males?

ORESTES

Vós não quereis outra coisa que não seja desfazer-vos deles. São o rei e a rainha quem os mantém à força no vosso coração.

ELECTRA

O rei e a rainha... Filebo!

ORESTES

Os deuses são testemunhas de que eu não queria derramar o seu sangue.

Longo silêncio.

ELECTRA

És demasiado jovem e fraco...

ORESTES

Recuarás agora? Esconde-me no palácio, leva-me esta noite até junto do leito real e verás se sou demasiado fraco.

ELECTRA

Orestes!

ORESTES

Electra! Chamaste-me Orestes pela primeira vez.

ELECTRA

Sim. És mesmo tu. És Orestes. Não te reconheci logo porque não era assim que te esperava. Mas este sabor amargo na minha boca, este sabor a febre mil vezes o senti em sonhos e assim o reconheço agora. Viestes enfim Orestes, a tua decisão está tomada e eu aqui estou como nos sonhos, no limiar dum acto irreparável e tenho medo — como nos sonhos. O momento tão ansiado e tão temido! Agora os instantes vão encadear-se como as engrenagens duma máquina e, só teremos descanso quando ambos estiverem deitados de costas com os rostos iguais a duas amoras esmagadas. Tanto sangue! E és tu quem o vai derramar, tu que tinhas os olhos tão doces! Aí de mim que não voltarei a ver Filebo. Orestes és o meu irmão mais velho e o chefe da nossa família, toma-me nos teus braços e protege-me porque vamos ao encontro dum grande sofrimento.

Orestes toma-a nos braços. Júpiter sai do seu esconderijo e desaparece sem ruído.

SEGUNDO QUADRO

No palácio; a sala do trono. Uma estátua de Júpiter, terrível e ensanguentado, É dia.

CENA I

Entra primeiro Electra que faz sinal a Orestes para que entre também.

ORESTES

Vem aí alguém.

ELECTRA

São os soldados da ronda. Vem comigo; vamo-nos esconder aqui.

Escondem-se atrás do trono.

CENA II

OS MESMOS *(escondidos)* E DOIS SOLDADOS

PRIMEIEO SOLDADO

Não sei o que têm hoje as moscas; andam doídas.

SEGUNDO SOLDADO

Cheira-lhes a mortos, o que muito as contenta. Já nem ouso bocejar com medo que elas me entrem pela boca abaixo e vão dançar de roda no fundo da minha goela. *(Electra aparece por um momento e esconde-se novamente.)* Olha ouvi qualquer coisa a estalar.

PRIMEIRO SOLDADO

É Agamémnon a sentar-se no trono.

SEGUNDO SOLDADO

Com as enormes nádegas a fazer estalar as tábuas do assento? É impossível, colega, os mortos não têm peso.

PRIMEIRO SOLDADO

Só os plebeus é que não têm peso. Agora ele que antes de ser um morto real era um realíssimo vivo ([1]) que andava em média pelos seus cento e vinte quilos! Seria para espantar se ainda não restassem algumas libras.

---

[1] N. T. — Trocadilho de difícil tradução. «Royal bon vivante» deveria normalmente traduzir-se por «pessoa soa real de humor alegre e fácil». Há aqui intenção de, além de contrapor a expressão «mort royal» a «royal vivaste», indicar que Agamémnon era efectivamente um «bom vivant», ao Intercalar o adjectivo «bon».

SEGUNDO SOLDADO

Então... acreditas que ele esteja ali?

PIMEIRO SOLDADO

Onde queres que esteja? Se eu fosse um rei morto e tivesse todos os anos uma licença de vinte e quatro horas, de certeza que me viria sentar no trono e aí passaria o dia a recordar os bons tempos de outrora, sem fazer mal a ninguém,

SEGUNDO SOLDADO

Dizes isso porque estás vivo. Mas se já o não estivesses terias o mesmo vício dos outros. *(O primeiro soldado dá-lhe uma bofetada.)* Eh lá! Eh lá!

PRIMEIRO SOLDADO

É para teu bem, olha, matei de uma só pancada um enxame inteiro.

SEGUNDO SOLDADO

De mortos?

PRIMEIRO SOLDADO

Não, De moscas. Fiquei com as mãos cheias de sangue. *(Limpa-as no calção.)* Porcaria de moscas.

SEGUNDO SOLDADO

Quem dera que os deuses as fizessem nascer mortas. Repara nestes mortos todos que andam por aqui: não tugem nem mugem e lá se arranjam para não aborrecer os outros. Seria o mesmo com as moscas mortas.

PRIMEIRO SOLDADO

Cala-te; olha agora se eu começo a pensar que ainda por cima andam aqui moscas fantasmas...

SEGUNDO SOLDADO

E por que não?

PRIMEIRO SOLDADO

Esses animaizinhos morrem aos milhões por dia. Se deixassem andar à solta pela cidade todas as que já morreram desde o Verão passado, haveria trezentas e sessenta e cinco mortas por cada viva, a rodopiar à nossa volta. O ar seria uma espécie de melaço de mosca, as quais desceriam aos magotes viscosos pelos nossos brônquios e tripas abaixo... Olha lá, se calhar é por isso que andam por esta sala uns cheiros tão esquisitos.

SEGUNDO SOLDADO

Bah! Para uma sala de mil pés quadrados como esta, bastam alguns mortos humanos para a empestar. Já ouvi dizer que os nossos mortos têm mau hálito.

PRIMEIRO SOLDADO

Escuta! Parece que se mexem...

SEGUNDO SOLDADO

Já te disse que há para aí alguma coisa, o soalho estala.

Vão pela direita ver atrás do trono, Orestes e Electra saem pela esquerda, passam diante dos degraus do trono e voltam ao seu esconderijo pela direita no momento em que os soldados saem pela esquerda.

PRIMEIRO SOLDADO

Como vês, não há ninguém. Já te disse que é Agamémnon. Deve estar sentado nestas almofadas — direito como um fuso — e a olhar-me; não tem mais nada que fazer.

SEGUNDO SOLDADO

Talvez fosse melhor se nos puséssemos direitos, e se as moscas nos fizerem cócegas no nariz, é aguentar.

PRIMEIRO SOLDADO

Gostava muito mais de estar agora na casa da guarda a jogar uma boa partida. Ao menos os mortos que lá aparecem são uns camaradões, gente simples como nós. Agora quando me ponho a pensar que o falecido rei está ali a contar os botões que faltam no meu dólman, começo a sentir-me mal, tal como quando o general nos - passa revista.

Entram Egisto e Clitemnestra, acompanhados duns servos que trazem lâmpadas.

ESGISTO

Deixem-nos sós.

CENAIII

EGISTO, CLITEMNESTRA, OMESTES e ELECTRA

CLITEMNESTRA

Que tendes?

EGISTO

Viste? Se os não tivesse enchido de terror ter-se-iam livrado dos seus remorsos, num , abrir e fechar de olhos.

CLITEMNESTRA

É só isso o que vos preocupa? Sabereis refrear a sua ousadia sempre que quiserdes.

EGISTO

Talvez. Sou na verdade muito hábil para estas comédias. *(Pausa.)* Desagrada-te o ter sido obrigado a castigar Electra.

CLITEMNESTRA

Por ela ter nascido de mim? Mas foi do vosso agrado Fazê-lo e para mim está sempre bem tudo o que fazeis.

EGIST0

Mulher, não é por ti que me desagrada.

CLITEMNESTRA

Então por que é? Vós não gostáveis de Electra.

EGISTO

Estou cansado. Há quinze anos que sustento no ar, à força de braço, o remorso dum povo inteiro. Há quinze anos que me visto como um espantalho: todos estes trajes pretos acabaram por me influenciar o espírito.

CLITEMNESTRA

Meu querido senhor...

chega-se a ele.

EGISTO

Deixa-me, descarada! Não tens vergonha, à vista dele?

CLITEMNESTRA

À vista dele? Mas quem é que nos está a ver?

EGISTO

Quem há de ser? O Rei. Soltaram os mortos esta manhã.

CLITEMNESTRA

Suplico-vos, meu senhor... Os mortos estão debaixo da terra e não nos incomodarão tão depressa, já estais esquecido de que fostes vós mesmo quem inventou tais fábulas para uso do povo?

EGISTO

Tens razão, mulher. Vês, como estou fatigado? Deixa-me, que quero meditar um pouco.

Clitemnestra sai.

CENA IV

EGISTO, ORESTES e ELECTRA

Os dois últimos escondidos.

EGISTO

Acaso é este, Júpiter, o rei de quem precisavam em Argos? Ando de um lado para o outro, sei gritar com voz forte, passeio por toda a parte a minha grande figura terrível e quem me vê sente-se culpado até à medula. Mas não passo duma concha vazia; um bicho qualquer comeu-me por dentro de mim mesmo e vejo que estou mais morto que Agamémnon. Disse que estava triste? Se disse, menti. Não é triste nem alegre o deserto, esse nada infinito de areia sob o nada consciente do céu; é sinistro. Ah! Daria o meu reino para poder deitar uma lágrima!

Entra Júpiter.

CENA V

OS MESMOS E JÚPITER

JÚPITER

Por que te lamentas? És um rei igual aos outros.

EGISTO

Quem és tu? Que andas aqui a fazer?

JÚPITER

Não me reconheces?

EGISTO

Sai daqui para fora ou mando-te espancar pelos meus guardas.

JÚPITER

Não me reconheces? Mas já me viste. Foi em sonhos. É certo que tinha um ar mais terrível. *(Trovões relâmpagos Júpiter toma um ar terrível.)* Que tal?

EGISTO

Júpiter

JÚPITER

Ora até que enfim! *(Volta a sorrir e aproxima-se da estátua.)* Sou eu este? E assim que me vêem os habitantes de Argos quando dizem as suas orações? É na verdade um caso raro um Deus poder olhar de frente a sua imagem. *(Pausa.)* Como sou feio! Não devem gostar muito de mim.

EGISTO

Temem-vos.

JÚPITER

Óptimo! Também não quero ser amado. E tu, amas-me?

EGISTO

Que me quereis? Não paguei já bastante?

JÚPITER

Nunca é bastante!

EGISTO

Esta empreitada mata-me.

JÚPITER

Não exageres. Tens passado bem e estás gordo. Não te censuro aliás. O que é preciso é exactamente boa gordura real, amarelada, como o sebo duma vela. Tu estás fadado para viver mais uns vinte anos.

EGISTO

Ainda vinte anos!

JÚPITER

Sim.

JÚPITER

Se alguém aqui entrasse de espada desembainhada, oferecerias o peito a essa espada?

EGISTO

Não sei.

JÚPITER

Ouve bem, o que te digo: se te deixares matar como um vitelo serás castigado de maneira exemplar. Ficarás como rei no Tártaro até à eternidade, Era isto o que te queria dizer.

EGISTO

Há alguém que me queira matar?

JÚPITER

Parece que sim.

EGISTO

Electra?

JÚPITER

E mais outro.

EGISTO

Quem?

JÚPITER

Orestes.

EGISTO

Ah! (Pausa.) Pois bem; se está escrito, que posso eu fazer?

JÚPITER

«Que posso eu fazer?» *(Mudando de tom.)* Ordena imediatamente a captura de um jovem estrangeiro que diz chamar-se Filebo. Que o atirem, juntamente com Electra, para o fundo duma enxovia qualquer — e autorizo-te a que os deixes por lá ficar e os esqueças. Então! Por que esperas? Chama os guardas.

EGISTO

Estou exausto,

JÚPITER

Por que olhas o chão? Volta para mim esses enormes olhos estriados de sangue. Sim! És nobre e estúpido como um cavalo. Mas a tua resistência não é das que me irritam; é o picante que tornará, daqui a pouco, mais deliciosa ainda a tua submissão. Porque eu sei que acabarás por ceder,

EGISTO

Já vos disse que não quero entrar nos vossos planos. Já me basta o que fiz até aqui.

JÚPITER

Coragem! Resiste! Ah! Como, sou guloso de almas iguais à tua. Os teus olhos chispam, cerras os punhos e atiras a tua recusa à cara de Júpiter. Mas apesar disso, minha cabeça de alho chocho, meu cavalicoque, meu péssimo cavalicoque, ainda aqui há uns tempos me disseste que sim. Ora vamos, acabaras por obedecer. Julgas que é sem qualquer motivo que deixo o Olimpo? Quis avisar-te deste crime porque é da minha vontade impedi-lo.

EGISTO

Avisar-me!,.. Que estranha coisa!

JÚPITER

Pelo contrário: que coisa mais natural!? Quero afastar esse perigo de cima da tua cabeça.

EGISTO

Quem vo-lo pediu? E a Agamémnon, viestes avisá-lo? E apesar disso ele queria viver.

JÚPITER

Ó natureza ingrata, ó carácter desgraçado! Estou a provar-te que me és mais querido que Agamémnon e ainda te queixas!

EGISTO

Mais querido que Agamémnon? Eu? É Orestes a quem quereis. Não vos importastes com que eu me perdesse, deixastes-me correr direito à banheira do rei, de machado em punho — e com certeza que lá em cima vos lambíeis de prazer a pensar como a alma do pecador é deliciosa. Mas hoje protegeis Orestes contra si próprio e escolheis-me a mim, a quem já impelistes a matar o pai, para suster a mão do filho. Eu estava destinado a dar um esplêndido assassino. Agora ele, alto lá, para ele há sem dúvida outras coisas em vista.

JÚPITER

Mas que estranho ciúme! Sossega: não o amo mais do que a ti. Não amo ninguém.

EGISTO

Então reparai no que fizestes de mim, deus injusto. E dizei-me: se quereis hoje impedir o crime que Orestes premedita por que haveis então permitido o meu?

JÚPITER

Nem todos os crimes me desagradam de igual forma. Egisto já que estamos entre reis, falar-te-ei com franqueza; o primeiro crime, quem o cometeu, fui eu, quando criei os homens mortais. Depois, que podíeis vós fazer, vós, os assassinos? Dar a morte às vossas vítimas? Ora vamos. Elas já a traziam consigo, quando multo apressáveis um pouco o seu desabrochar. Sabes o que teria acontecido a Agamémnon se o não tivesses morto? Três meses mais tarde teria morrido de apoplexia sobre o peito duma bonita escrava. Mas o teu crime convinha-me.

EGISTO

Convinha-vos? Eu estou a expiá-lo há quinze anos e convinha-vos? Oh! Que desgraça!

JÚPITER

Justamente. Ê porque o estás a expiar que me convém; gosto dos crimes que se apagam. Gostei do teu porque era um assassinato cego e surdo, ignorando-se a si mesmo, à antiga, mais parecido com um cataclismo do que com uma empresa humana. Não perdestes tempo a desafiar-me; feriste transportado pela raiva e pelo medo; e depois, uma vez desaparecida a exaltação, olhaste o teu acto com horror e não quiseste reconhecê-lo. E todavia como foi rendoso para mim! Por um homem morto, vinte mil mergulhados no arrependimento; é este o balanço. Não foi um mau negócio.

EGISTO

Já vi o que está por trás dessas palavras; Orestes não terá remorsos.

JÚPITER

Nem um para amostra. A esta hora está ele a fazer os seus planos fria e simplesmente, com método. Para que quero eu um assassinato sem remorso, um assassinato insolente, pacífico, leve como uma nuvem na alma do assassino. Tratarei de o impedir! Ah! Como odeio os crimes, desta geração; são ingratos e estéreis como a erva daninha. Esse meigo jovem matar-te-á como um frango e retirar-se-á de mãos ensanguentadas e consciência limpa; serei eu o humilhado, no teu lugar. Vamos! Chama os guardas!

EGISTO

Já vos disse que não. Basta que esse exime não seja do vosso agrado para que eu o queira.

JÚPITER, *noutro tom*

Egisto, és rei e é para a tua consciência de rei que apelo pois sei que gostas de reinar.

EGISTO

E então?

JÚPITER

Odeias-me mas somos aparentados; foi à minha imagem que te criei: um rei é um Deus sobre a terra, é nobre e sinistro como um Deus.

EGISTO

Sinistro? Vós?

JÚPITER

Olha para mim. *(Longo silêncio).* Já te disse que foste criado à minha imagem. Ambos fazemos reinar a ordem, tu em Argos e eu no mundo; o mesmo segredo nos pesa no coração.

EGISTO

Eu não tenho segredos.

JÚPITER

Tens. O mesmo que eu. O doloroso segredo dos deuses e dos reis: é que os homens são livres. São livres, Egisto. Tu sabe-lo; eles é que são.

EGISTO

É verdade; se o soubessem deitariam fogo ao meu palácio. Há quinze anos que represento esta comédia para lhes esconder o seu próprio poder.

JÚPITER

Então já vês como nos parecemos um com o outro.

EGISTO

Parecemo-nos? Por que ironia admitirá um deus parecer-se comigo? Desde que comecei a reinar todos os meus actos e palavras visam a compor a minha imagem; quero que cada um dos meus súbditos a traga dentro de si e que sinta, até mesmo na solidão, o meu olhar severo a incidir sobre os seus mais íntimos pensamentos. Mas sou eu próprio a minha primeira vítima, pois já não me vejo senão como eles me vêem. Debruço-me sobre o abismo escancarado das suas almas e lá está, bem no fundo, a minha imagem que me repugna e fascina ao mesmo tempo, Ó Deus todo-poderoso, que sou eu, além do medo que os outros têm de mim?

JÚPITER

E quem julgas tu que eu seja? *(Apontando a estátua)*. Também eu tenho a minha imagem. Julgas que não me faz vertigens? Há cem mil anos que danço diante dos homens. Uma dança lenta e tenebrosa. É preciso que me olhem; enquanto tiverem os olhos pregados em mim esquecer-se-ão de olhar para si próprios. Se eu me descuidar um momento que seja, se deixar que os seus olhos se afastem...

EGISTO

E então?

JÚPITER

Deixa lá. É um assunto que só a mim diz respeito. Estás cansado, Egisto, mas de que te queixas? Morrerás um dia. Ao passo que eu, não. Enquanto houver homens na terra, estou condenado a dançar diante deles.

ESISTO

Ai de nós! Mas quem nos condenou?

JÚPITER

Mais ninguém senão nós mesmos. Temos a mesma paixão. Tu amas a ordem, Egisto.

EGISTO

A ordem. É verdade. Foi para bem da ordem que seduzi Clitemnestra e matei o meu rei; queria que a ordem reinasse, imposta por mim. Vivi sem desejos, sem amor, sem esperança: impus a ordem, Ó paixão divina e terrível!

JÚPITER

Não poderíamos ter outra: eu sou Deus e tu nasceste para ser rei.

EGISTO

Pobre de mim!

JÚPITER

Egisto, minha criatura e meu irmão mortal é em nome dessa ordem que ambos servimos que te ordeno. apodera-te de Orestes e da irmã.

EGISTO

São assim tão perigosos?

JÚPITER

Orestes sabe que é livre.

EGISTO, *com vivacidade*

Sabe que é livre. Então não basta pô-lo a ferros. Um homem livre numa cidade é como uma ovelha tinhosa num rebanho. Vai contaminar todo o meu reino e arruinar a minha obra. Deus todo-poderoso, que esperas para o fulminar?

JÚPITER, *com lentidão*

Para o fulminar? *(Pausa. Mostra-se curvado e fatigado)*. Egisto, os deuses têm outro segredo

EGISTO

Não me digas...?

Quando a liberdade explode na alma dum Homem os deuses perdem todo o poder sobre ele. Passa entao a ser uma coisa puramente humana e só outros homens podem matá-lo ou deixá-lo viver.

EGISTO, *olhando-o*

Matá-lo?... Está bem. Vou obedecer-te, Mas. não digas mais nada e não fiques aqui muito tempo pois não o poderia suportar.

Júpiter sai.

CENA VI

Egisto fica só por um momento; aparecem depois Electra e Orestes

ELECTRA, *correndo para a porta*

Dá-lhe! Não lhe dês tempo a gritar; vou barricar a porta.

EGISTO

És então tu Orestes?

ORESTES

Defende-te!

EGISTO

Não me defenderei. Já é tarde para chamar por socorro e estou contente que assim seja. Mas não me defenderei; quero que me assassines.

ORESTES

Está bem. Pouco me importa o meio. Serei pois assassino.

Golpeia-o com a espada.

EGISTO, *cambaleando*

Não falhaste o golpe. *(Agarraste a Orestes)*, Deixa-me olhar-te. É verdade que não tens remorsos?

ORESTES

Remorsos? Porquê? O que estou a fazer é justo.

EGISTO

Só é justo o que Júpiter deseja. Estavas aqui escondido e ouviste.

ORESTES

Que me interessa Júpiter? A justiça é assunto dos homens e por isso não preciso que um deus me venha ensinar. é justo esmagar-te, miserável, e liquidar o teu poder sobre o povo de Argos; é justo restituir-lhe o sentimento da sua dignidade.

Repele-o,

EGISTO

Estou a morrer.

ELECTRA *cambaleia e o seu rosto está branco*

Que horror! Como é feio, um homem a morrer.

ORESTES

Cala-te. Que ele não leve para o tumulo outra lembrança que não seja a da nossa alegria.

EGISTO

Malditos sejais!

ORESTES

Acabas ou não de morrer!

Golpeia-o. Egisto cai.

EGISTO

Toma cuidado com as moscas, Orestes, toma cuidado com as moscas. Ainda não está tudo acabado.

Morre.

ORESTES, empurrando-o com o pé

Para ele tudo acabou, de qualquer maneira,

ELECTRA

Orestes...

ORESTES

Então?

ELECTRA

Ela já não nos pode fazer mal...

ORESTES

Então? Já não te reconheço. Há bem pouco tempo, falavas doutra maneira.

ELECTRA

Também a ti te não reconheço.

ORESTES

Está bem; irei só.

Sai.

CENA VII

ELECTRA *só*

ELECTRA

Irá gritar? *(Pausa. Faz menção de escutar)*. Ele já vai no corredor. Quando abrir a quarta porta... Ah! Fui eu que assim o quis! E quero-o, é preciso que o queira ainda. *(Olha Egisto)*. Este está morto. É então isto o que eu queria. Não o imaginava assim. *(Aproxima-se dele).* Cem vezes o vi em sonhos, estendido neste mesmo sítio, com uma espada enterrada no coração. Os seus olhos estavam então fechados e parecia dormir. Como eu o odiava e me comprazia em odiá-lo. Mas agora não parece dormir, tem os olhos abertos, olha-me. Está morto, e o meu ódio morreu com ele. E aqui estou, à espera, a outra está viva ainda lá no fundo do quarto, e não tarda nada que comece a gritar. Vai gritar como um animal, Ah! Já não posso suportar este olhar. *(Ajoelha-se e põe uma capa a tapar o rosto de Egisto),* Mas afinal que queria eu? *(Silêncio. Depois gritos de Clitemnestra).* Feriu-a. Era a nossa mãe e feriu-a. (Levanta~se). Aqui está; morreram os meus inimigos. Durante anos antegozei esta morte e agora sinto o coração como que apertado num torno. Terei mentido a mim mesma, durante estes quinze anos? Não é verdade! Não é verdade! Não pode ser verdade; não sou covarde! Desejei e desejo ainda este momento. Quis ver este porco imundo estendido a meus pés, *(Arranca a capa).* Que me importa esse olhar de peixe morto. Fui eu que o quis, esse olhar, e dá-me prazer. *(Gritos mais fracos de Clitemnestra).* Que grite! Que grite! Quero os seus gritos de horror e o seu sofrimento. *(Os gritos cessam)*. Que alegria! Que alegria! Choro de alegria; os meus inimigos morreram e meu pai está vingado.

Regressa Orestes de espada ensanguentada na mão. Ela corre para ele.

CENA VIII

ELECTRA E ORESTES

ELECTRA

Orestes!

Atira-se-lhe nos braços.

ORESTES

De que tens medo?

ELECTRA

Não tenho medo. Estou ébria. Ébria de contentamento. Que disse ela? Pediu perdão durante muito tempo?

ORESTES

Electra, não me arrependerei do que fiz, mas prefiro não falar nisso; há recordações que se não partilham. Basta que saibas que morreu.

ELECTRA

A amaldiçoar-nos? Diz-me sô isto: a amaldiçoar-nos?

ORESTES

Sim. A amaldiçoar-nos.

ELECTRA

Toma-me nos teus braços meu bem-amado, e aperta-me com toda a tua força. Como é densa a noite e como a luz destes archotes a penetra

com dificuldade! Amas-me?

ORESTES

Já não é noite; é um novo dia que começa. Somos livres Electra. Parece que te fiz nascer e que também nasci contigo; amo-te e pertences-me. Ficamos duplamente ligados pelo sangue pois do mesmo sangue somos e sangue derramamos.

ELECTRA

Deita fora a espada. Dá-me a tua mão, *(Toma-lhe a mão e beija-a).* Tens os dedos curtos e grossos, bons para agarrar e reter. Querida mão! Como se fez pesada para abater os assassinos do nosso pai! Esperai *(Vai buscar um archote e aproximada de Orestes).* Tenho que te iluminar a cara porque a escuridão aumenta e já não vejo bem. Preciso de estar a ver-te; quando não te vejo tenho-te medo. Por isso, não posso tirar-te os olhos de cima. Amo-te. Tenho que pensar que te amo. Que ar tão estranho o teu!

ORESTES

Sou livre, Electra; a liberdade abateu-se sobre mim como um raio.

ELECTRA

Livre? Eu não me sinto livre. Podes conseguir que tudo isto não tenha acontecido? Sucedeu qualquer coisa que já não temos a liberdade de desfazer. Podes impedir que sejamos para sempre os assassinos da nossa mãe?

ORESTES

E julgas que me interessa impedi-lo? Pratiquei o meu acto, Electra, e esse acto era bom. Levá-lo-ei aos ombros; como um barqueiro leva os viandantes, fá-lo-ei passar para a outra margem e prestarei contas dele. E quanto mais difícil for de levar, mais contente ficarei, pois é ele a minha liberdade. Ainda ontem eu andava ao acaso sobre a terra, com

milhares de caminhos a fugirem-me sob os passos por pertencerem a outros. Todos eles palmilhei, tanto o dos sirgadores, ao longo dos rios, como o atalho do almocreve e a estrada calcetada; dos condutores de carros; nenhum porém me pertencia. Mas hoje já não há senão um, que é o meu caminho. Que tens?

ELECTRA

Já não te vejo! Estas luzes nada iluminam. Oiço a tua voz, mas incomoda-me, sinto-a cortar-me como uma faca. Fará sempre assim escuro, daqui em diante, mesmo de dia? Orestes! Elas aí estão!

ORESTES

Quem?

ELECTRA

Elas ai estão! Donde virão? Estão suspensas do tecto como bagas de uva preta e são elas que enegrecem as paredes; intrometem-se; entre a luz e os meus olhos e são as suas sombras que me escondem o teu rosto.

ORESTES

As moscas...

ELECTRA

Escuta!... Escuta o ruído das suas asas que parece o resfolegar duma forja. Estão a cercar-nos, Orestes. Espreitam-nos e não tarda que caiam sobre nós; sentirei então no meu corpo as suas mil patas viscosas. Como fugiremos e para onde, Orestes? Olha-as a inchar, a inchar, já estão grandes como abelhas, irão atrás de nós para onde quer que vamos, em negros turbilhões. Que horror! -Estou a ver os seus olhos, esses milhões de olhos a espreitar-nos.

ORESTES

Que nos importam as moscas?

ELECTRA

São as Erínias, Orestes, as deusas do remorso.

VOZES, atrás da porta

Abri! Abri! Se eles não abrirem, temos de arrombar a porta.

Pancadas surdas na porta.

ORESTES

Os gritos de Clitemnestra atraíram os guardas. Vem! Leva-me ao santuário de Apolo; passaremos lá a noite, ao abrigo dos homens e das moscas. Amanhã falarei ao meu povo.

CAI O PANO

TERCEIRO ACTO

CENA I

O templo de Apolo, Penumbra, Uma estátua de Apolo no meio da cena. Electra e Orestes dormem aos pés da estátua rodeando-lhe as pernas com os braços. As Erinias fazem circulo à sua volta a dormir em pé como as aves pernoitas. Ao fundo, uma pesada porta de bronze.

PRIMEIRA ERÍNIA, *espreguiçando-se*

Aaaah! Dormi de pé, hirta de raiva e tive muitos sonhos irados. Ó bela flor da ira, bela flor vermelha que trago no coração! *(Roda em volta de Orestes e de Electra)*. Dormem. Como são brancos e doces! Hei-de rebolar-me nos seus ventres e nos seus peitos como a torrente sobre os seixos. Darei pacientemente lustro a esta carne delicada esfregá-la, raspá-la-ei e consumi-la-ei até aos ossos. *(Dá alguns passos)*. Ó límpida manhã cheia de ódio! Que explêndido despertar: eles dormem, transpiram e cheiram a febre, ao passo que eu velo, dura e fria, a minha alma é como se fosse de cobre e sinto-me inviolável e sagrada.

ELECTRA, adormecida

Ai!

PRIMEIRA ERÍNIA

Está a gemer. Tem paciência, que já pouco falta para que proves as nossas mordeduras. Há-de então uivar com tais carícias. Penetrar-te-eí como o macho à fêmea, pois és a minha esposa e deverás sentir a força do

meu amor. És bela, Electra, bem mais bela do que eu; verás todavia como os meus beijos envelhecem as pessoas. Antes de seis meses estarás acabada como uma velha, ao passo que eu continuarei. jovem. (Debruça-se sobre eles). Ah! Que belas e saborosas presas mortais! Olho-as, respiro o hálito e sufoco de cólera. Ah! O prazer de sentir o ódio nascer dentro de nós, o prazer de nos sentirmos garras e maxilas, com fogo nas veias. Invade-me e sufoca-me o ódio, que me inunda o seio como se fora leite. Acordai, irmãs, acordai que chegou a manhã.

SEGUNDA ERÍNIA

Sonhava que mordia.

PRIMEIRA ERÍNIA

Tem paciência. Hoje estão sob a protecção dum Deus, mas depressa a sede e a fome os enxotarão, deste abrigo. Poderás então mordê-los à tua vontade.

TERCEIRA HÉRNIA

Aaaah! Quero arranhar!

m

PRIMEIRA ERÍNIA

Espera; não tarda que as tuas garras metálicas desenhem mil traços sanguíneos na carne dos culpados. Vinde, irmãs vinde vê-los.

UMA ERÍNIA

Como são jovens!

PRIMEIRA ERÍNIA

Alegrai-Vos, pois as mais das vezes os criminosos são velhos e feios; é bem raro o prazer delicado de destruir o que é belo.

AS ERÍNIAS

Eiaah.! Eiaah!

TERCEIRA ERÍNIA

Orestes é quase uma criança. O meu ódio terá para com ele os carinhos duma mãe. Encostarei aos joelhos o seu rosto pálido e far-lhe-ei festas na cabeça.

PRIMEIRA ERÍNIA

E depois?

TERCEIRA ERÍNIA

Depois espetar-lhe-eí de repente estes dois dedos nos olhos.

Riem todas.

PRIMEIRA ERÍNIA

Já suspiram e se agitam; está próximo o seu despertar. Vamos irmãs, irmãs moscas, tiremos os culpados do seu sono com o nosso

cantar.

CORO DAS ERÍNIAS

Bzz, Bzz, Bzz,
Pousaremos no teu coração podre como moscas
[numa fatia de pão.
O coração podre, ensanguentado e delicioso. Sugaremos como abelhas o pus e a sânie do
[teu coração.
E deles faremos mel, vais ver, rico mel fresco. Qual seria o amor que nos encheria de satis-
[facão como este ódio?
Bzz» bzz, .bzz, bzz;
Seremos o olhar fixo das casas,
O rosnar -do molosso que mostrará os dentes
[à tua passagem.
O zumbido que pairará no ar sobre a tua
[cabeça.
Os ruídos da floresta,
Os assobios, o estralejar, as chiadeiras, os uivos,
Seremos a noite,
A densa noite da tua alma,
Bzz, bzz, bzz, bzz.
Eiaah, eiaah, eiaahah!
Bzz, bzz, bzz, bzz.
Somos as sugadoras de pus, as moscas,
Tudo partilharemos contigo,
Iremos buscar os alimentos à tua boca e a luz
[ao fundo dos teus olhos,
Acompanhar-te-emos à sepultura
E só nos retiraremos perante os vermes.
Dançam.

ELECTRA, *despertando*

Quem está falando? Quem sois?

AS EEÍNIAS

Bzz, bzz, bzz,

ELECTRA

Ah! Sois vós. Então? É mesmo verdade que os matámos?

ORESTES, *despertando*

Electra!

ELECTRA

Quem és tu? Ah! És Orestes, Vai-te.

ORESTES

Mas que tens?

ELECTRA

Assustas-me. Sonhei que a nossa mãe tinha caído de costas, a escorrer sangue e que este corria em fio por debaixo de todas as portas do palácio. Apalpa as minhas mãos e vê como estão frias. Não, deixa-me. Não me toques.
Sangrou muito, ela?

ORESTES

Cala-te.

ELECTRA, *despertando completamente*

Deixa-me olhar bem para ti; tu mataste-os. Foste tu que os mataste. Estás aqui, acordaste agora mesmo, nada está escrito no teu rosto, e contudo mataste-os.

OBESTES

E então? Sim; mateí-os. *(Pausa)*, Também tu me assustas. Estavas tão bela, ontem. Dir-se-ía que um animai te destruiu o rosto com as garras.

ELECTRA

Um animal? Sim, o teu crime, que o sinto a arrancar-me as pálpebras e a pele das faces de tal maneira que me parece ter os olhos e os dentes a nu. E estas? Quem são?

ORESTES

Não te preocupes com elas. Nada podem contra ti.

PRIMEIRA ERÍNIA

Ela que venha para junto de nós, se for capaz, e veras então se não podemos nada contra ela.

ORESTES

Basta, cadelas! Para a casota! *(As Erínias rosnam)*. Será possível que sejas aquela que ainda ontem, vestida de branco, dançava nos degraus do templo?

ELECTRA

Envelheci, Numa noite.

ORESTES

Ainda és bela, mas... onde vi eu já esses olhos mortiços? Electra... começas a parecer-te com ela, com Clitemnestra. Valeu então a pena tê-la morto? Quando vejo o meu crime nesses olhos, sinto horror.

PRIMEIRA ERÍNIA

É que ela tem-te horror. ,

É verdade? É verdade que te causo horror?

ELECTRA

Deixa-me.

PRIMEIRA ERÍNIA

E então? Ainda te resta a mínima dúvida? Como não te odiar? Vivia tranquila com os seus sonhos quando chegaste trazendo contigo a carnificina e o sacrilégio. E agora ei-la a compartilhar do teu crime, colada a esse pedestal que é o único pedaço de terra que lhe resta.

ORESTES

Não lhe dês ouvidos.

PRIMEIRA ERÍNIA

Para trás! Para trás! Repele-o, Electra, não te deixes tocar pela sua mão. É um carniceiro que exala o cheiro enjoativo do sangue fresco, E sabes que foi um desajeitado a matar a velha, vendo-se obrigado a repetir o gesto várias vezes?

ELECTRA

Não me estás a mentir?

PRIMEIRA ERÍNIA

Podes acreditar no que te digo. Eu estava a zumbir à sua volta.

ELECTRA

E ele golpeou por mais de uma vez?

PRIMEIRA ERÍNIA

Foram umas dez. E de cada vez a espada fazia «crie» na ferida. Quando ela tentava proteger o rosto o ventre com as mãos, ele cortou-lhas.

ELECTRA

Sofreu muito? Não morreu logo?

ORESTES

Não as olhes, tapa os ouvidos e sobretudo não lhes perguntes nada; estás perdida se as interrogas.

PRIMEIRA ERÍNIA

Sofreu horrivelmente.

ELECTRA, escondendo o rosto entre as mãos

ORESTES

Ela está a querer separar-nos e a levantar à tua volta os muros da solidão. Toma cuidado: quando estiveres só, completamente só e sem recursos, cairão sobre ti. Electra decidimos ambos este assassínio e por isso devemos ser ambos a suportar-lhe as consequências.

ELECTRA

Achas que o desejei?

ORESTES

Então não é verdade?

ELECTRA

Não, não é verdade... Ou espera... Sim! Ah! Já não sei. Eu sonhei com este crime. Agora tu, tu cometeste-o, carrasco da tua própria mãe.

AS ERÍNIAS, *rindo e gritando*

Carrasco! Carrasco! Carniceiro!

ORESTES

Electra, atrás dessa porta está o mundo. O mundo e a manhã. Lá fora o sol ilumina os caminhos. Depressa sairemos daqui e iremos por essas estradas cheias de luz; estas filhas da noite perderão então o seu poder e os raios do sol trespassá-las-ão como se fossem espadas.

ELECTRA

O sol...

PRIMEIRA ERÍNIA

Não voltarás a ver o sol, Electra. Ajuntar-nos-emos entre ti e ele como uma nuvem de gafanhotos e para onde quer que vás levarás a noite contigo.

ELECTRA

Largai-me! Deixai de me torturar!

ORESTES

A sua força é feita da tua fraqueza. Já reparaste como a mim nada me dizem? Escuta: um horror sem nome caiu sobre ti e está a afastar-nos um do outro. E todavia por que coisas passaste que eu não tenha passado? Julgas que aos meus ouvidos deixarão alguma vez de ecoar os gemidos de minha mãe? E os seus olhos enormes — como dois oceanos agitados —

naquele rosto branco como a cal, julgas também que os meus olhos deixarão alguma vez de os ver? E a angústia que me devora, pensas que deixará alguma vez de me roer? Mas isso que me importa: sou livre. Para além da angústia e das recordações. Livre. E de acordo comigo próprio. Não te deves odiar a ti mesma, Electra. Dá-me a tua mão: não mais te abandonarei.

ELECTRA

Larga a minha mão! Assustam-me estas cadelas negras à minha volta, mas tu ainda mais.

PRIMEIRA ERÍNIA

Vês?! Vês?! Não é verdade, minha boneca, que te metemos menos medo do que ele? Precisas de nós, Electra, és a nossa menina. Precisas que as nossas unhas te arranhem a carne, e que os nossos dentes mordam o teu peito; precisas do nosso amor canibal para te distrair do ódio que alimentas contra ti própria, e de sofrer na carne para que esqueças o que sofre a tua alma. Vem! Vem! Só tens dois degraus a descer para caíres nos nossos braços, e então os nossos beijos rasgarão a tua carne frágil e gozarás o esquecimento, o esquecimento no grande e puro incêndio da dor.

AS ERÍNIAS

Vem! Vem!

Dançam muito lentamente como que para a fascinar, Electra levanta-se.

ORESTES, *agarrando-a por um braço*

Não vás, peço-te; seria a tua perda.

ELECTRA, *desembaraçando-se com violência Ah!*

Odeio-te

Desce os degraus e as Erínias atiram-se todas a ela.

ELECTRA

Socorro!

Entra Júpiter.

CENA II

OS MESMOS E JÚPITER

JÚPITER

Para a casota!

PRIMEIRA ERÍNIA

O Senhor!

As Erínias afastam-se de má vontade, deixando Electra no chão.

JÚPITER

Pobres crianças. Eis aqui ao que chegastes, O meu coração oscila entre a cólera e a piedade, Levanta-te, Electra; enquanto eu aqui estiver as minhas cadelas não te farão mal. (Ajudada-a a levantar-se.) Que cara horrível. E bastou uma noite! Bastou uma noite! Onde está a tua frescura aldeã? Numa só noite, arruinaste fígado, pulmões e baço; está em estado miserável o teu corpo. Ah! Juventude louca e presunçosa, olhai o mal que a vós próprios causastes!

ORESTES

Acaba lá com esse tom, velhote; fica mal ao rei dos deuses.

JÚPITER

E tu, acaba com esse tom arrogante, que não convém muito a um culpado que expia o seu crime.

ORESTES

Não sou um culpado e não és capaz de me fazer expiar aquilo que não reconheço como um crime.

JÚPITER

Parece que te enganas, mas deixa lá que não vais ficar muito tempo nessa heresia,

ORESTES

Podes atormentar-me à vontade: não me arrependo de nada.

JÚPITER

Nem mesmo da abjecção em que, por tua culpa, se encontra mergulhada a tua irmã?

ORESTES

Nem mesmo.

JÚPITER

Estás a ouvi-lo, Electra? Aqui está aquele que dizia amar-te.

ORESTES

Amo-a mais que a mim mesmo. Mas o seu sofrimento é nela própria que tem origem e só ela se pode livrar dele, pois é livre.

JÚPITER

E tu? Serás por acaso também livre?

ORESTES

Bem o sabes.

JÚPITER

Olha para ti mesmo, creatura estúpida e imprudente: que belo ar tens na verdade, todo encolhido aos pés dum deus benfazejo, com essas cadelas esfomeadas á assediar-te. Se tens a audácia de pretender que és livre, acabaremos também por exaltar a liberdade do prisioneiro acorrentado no fundo duma enxovia e a do escravo crucificado.

ORESTES

E por que não?

JÚPITER

Toma cautela. Estás a armar em fanfarrão porque te protege Apolo. Mas Apolo é meu mui obediente servidor. Basta que eu levante um dedo para que te abandone.

ORESTES

Pois bem, levanta esse dedo, levanta a mão toda.

JÚPITER

Para quê? Não te disse já o quanto me repugna castigar? Se aqui vim foi para vos - salvar.

ELECTRA

Salvar-nos? Basta de troça, senhor da vingança e da morte, pois não é permitido — nem a um Deus — dar aos que sofrem uma esperança enganadora,

JÚPITER

Poderias daqui sair dentro de um quarto de hora.

ELECTRA

Sã e salva?

JÚPITER

Dou-te a minha palavra.

ELECTRA

Que me pedirás em troca?

JÚPITER

Nada te pedirei, minha filha.

ELECTRA

Nada? Terei ouvido bem, bom Deus, adorável Deus?

JÚPITER

Ou quase nada. Apenas o que me podes dar com a maior das facilidades: um pouco, de arrependimento.

ORESTES

Toma cuidado, Electra; esse pouco pesará como uma montanha

sobre a tua alma.

JÚPITER, *para Electra*

Não o oiças. Responde-me antes a isto: o que te custa renegar este crime? Foi Outro quem o cometeu. Mal se pode disser que foste sua cúmplice.

ORESTES

Electra! Vais renegar quinze anos de ódio e de esperança?

JÚPITER

Quem fala em os renegar? Ela nunca quis aquele acto sacrílego.

ELECTRA

Ai!

JÚPITER

Ora vamos! Podes confiar em mim. É ou não é verdade que leio nos corações?

ELECTRA, *incrédula*

E lês no meu que eu não quis aquele crime? Quando é verdade que sonhei durante quinze anos com o assassínio e a vingança?

JÚPITER

Bah! Esses sonhos sangrentos que te embalavam tinham uma certa inocência; encobriam a teus olhos a escravidão que sofrias e suavizavam as feridas do teu orgulho. Mas nunca pensaste a sério em realizá-los. Enganar-me-ei porventura?

ELECTRA

Ah! Meu Deus, meu querido Deus, como desejo que te não enganes!

JÚPITER

És ainda uma menina, Electra. As outras meninas gostariam de vir a ser as mais ricas ou as mais belas entre as mulheres. Mas tu, fascinada pelo destino atroz da tua raça, quiseste ser a mais dolorosa e a mais criminosa. Jamais quiseste o mal; nada mais desejaste senão a tua própria desgraça. Na tua idade, as crianças 'brincam ainda com bonecas ou jogam à calha; agora tu, sem brinquedos nem companheiras, puseste-te a brincar aos assassinos visto ser um jogo que se pode jogar sozinho.

ELECTRA

Ai, que é assim! Ai, que é isso mesmo! Quanto mais te oiço mais vejo claro dentro de mim.

ORESTES

Electra, Electra! É agora que és culpada. Aquilo que quiseste, quem mais o pode saber senão tu? Deixarás que seja outrem a decidi-lo? Para quê alterar um passado que já não pode defender-se? Porquê renegar essa Electra irada que foste, essa jovem deusa do ódio que tanto amei? Então não vês que esse Deus cruel está a fazer troça de ti?

JÚPITER

Faço troça de vós? Escutai só o que vos proponho: se repudiardes o vosso crime, instalar-vos-ei aos dois no trono de Argos.

ORESTES

No lugar das nossas vítimas?

JÚPITER

Assim é preciso.

ORESTES

E vestirei a roupa ainda morna do defunto rei?

JÚPITER

Essa ou outra, não é isso que importa.

ORESTES

Sim; desde que seja preta, não é verdade ?

JÚPITER

Então não estás de luto?

ORESTES

Sim, pela minha mãe, já o esquecia. E quanto aos meus súbditos, deverei também mandá-los vestir de preto?

JÚPITER

Já o estão,

ORESTES

Tens razão. Devemos dar-lhes tempo a gastar esses velhos trajos. Então? Já percebeste, Electra? Se verteres algumas lágrimas, dar-te-ão os saiotes e as camisas de Clitemnestra — aquelas camisas imundas e fedorentas que durante quinze anos lavaste com as tuas próprias mãos. Também te espera o seu papel, e bastar-te-á retomá-lo; a ilusão será perfeita e toda a gente julgará ver a tua mãe» já que te tens empenhado em a imitar» Eu é que sou mais esquisito: não vou enfiar as cuecas desse bobo que matei,

JÚPITER

Levantas alto de mais essa cabeça; golpeaste um homem que se não defendeu e uma velha que te pedia perdão mas quem te ouvir falar sem te conhecer é capaz de julgar que salvaste a tua cidade natal a combater sozinho contra trinta.

ORESTES

Talvez tenha mesmo salvo a minha cidade natal.

JÚPITER

Tu? Sabes o que está por detrás dessa porta? Os homens de Argos — todos os homens de Argos. Estão à espera do seu salvador com pedras, ancinhos e varapaus para lhe testemunhar o seu reconhecimento. Estás só como um leproso.

ORESTES

Já sei.

JÚPITER

Anda lá, não te orgulhes disso. Foi para a solidão do desprezo e do horror que te repeliram, ó mais cobarde dos assassinos!

ORESTES

O mais cobarde dos assassinos é o que tem remorsos.

JÚPITER

Orestes! Fui eu que te criei, assim como todas as coisas. Olha. (As paredes do templo abrem-se. O céu aparece, constelado de estrelas a girar. Júpiter está ao fundo da cena, A sua voz aumentou enormemente de volume — microfone — e todavia mal se vê o seu vulto.) Repara nesses

planetas que giram ordenadamente sem nunca se chocarem. Fui eu quem lhes determinou as órbitas segundo o que é justo. Escuta a harmonia celeste, esse grande hino mineral em acção de graças que reboa pelos quatro cantos do firmamento. (Melodrama.) Sou eu a causa das espécies se: perpetuarem, fui eu quem ordenou que um homem gere sempre um homem e que o filho do cão seja cão; sou eu a causa das marés virem docemente lamber as areias, retirando-se à hora marcada, sou eu quem faz crescer as plantas e é o meu sopro que conduz à volta da terra as nuvens amarelas do pólen. Esta não é a tua casa, intruso. Estás no mundo como o espinho na carne ou como o caçador furtivo na floresta senhorial, porque o mundo é bom, visto que o criei segundo a minha vontade e o Bem sou eu. Agora tu, tu praticaste o mal e as coisas acusam-te com a sua voz petrificada. Por toda a parte está o Bem, na medula dos juncos, na frescura da nascente, nos seixos dos caminhos e no peso das pedras; encontrá-lo-ás mesmo na essência do fogo e da lua e até o corpo te atraiçoa obedecendo às minhas prescrições. O Bem está dentro e fora de ti, penetra-te, e baloiça-te como o amor; foi ele quem consentiu no êxito do teu mau empreendimento, pois foi ele a claridade das velas, a dureza da tua espada e a força do teu braço. E esse mal de que tanto te orgulhas e do qual te dizes o autor, que é senão um reflexo do ser, um subterfúgio, uma imagem enganadora cuja própria existência é mantida pelo Bem? Regressa a ti próprio, Orestes: o universo condena-te, és um verme no universo. Regressa à natureza filho desnaturado, reconhece o teu erro abomina-o, arranca-o de ti como um dente cariado e fétido. Senão, prepara-te para que o mar recue diante de ti, para que as nascentes sequem por onde passares, para que as pedras e as rochas rolem para fora do teu caminho e para que a terra se desfaça sob os teus passos.

ORESTES

Deixá-la desfazer-se! Que os rochedos me condenem e as plantas murchem à minha passagem; não chegará o teu universo inteiro para me provar que não tenho razão, És rei dos deuses, Júpiter, rei das pedras e das estrelas, rei das ondas do mar. Mas não és o rei dos homens.

As paredes voltam a fechar-se e Júpiter reaparece, curvado e fatigado, já

com, a sua voz natural.

JÚPITER

Não sou o teu rei, verme desavergonhado. Quem então te criou?

ORESTES

Foste tu. Mas não me devias ter criado. Livre.

JÚPITER

Se te dei a liberdade foi para me servires.

ORESTES

É possível, mas eia acabou por se voltar contra ti sem que tu ou eu o pudéssemos Impedir.

JÚPITER

Até que enfim! Eis a desculpa.

ORESTES

Não pretendo desculpar-me.

JÚPITER

De verdade? Mas sabes que parece mesmo uma desculpa essa Liberdade da qual te afirmas escravo?

ORESTES

Não sou senhor nem escravo, Júpiter, Sou a minha liberdade! Mal me criaste, deixei de te pertencer.

ELECTRA

Peço-te pelo nosso pai, Orestes, que não juntes ao crime a blasfêmia.

JÚPITER

Estás a ouvi-la? Perde então a esperança de a convenceres pela força dos teus argumentos; essa tua linguagem é demasiado original para os seus ouvidos — e demasiado chocante,

ORESTES

Também para os meus, Júpiter, E até para a minha garganta que forma as palavras e para a minha língua que as modela à passagem; é com dificuldade que me compreendo a mim próprio. Ainda ontem tu eras como um véu sobre os meus olhos e um tampão de cera nos meus ouvidos; ontem eu tinha uma desculpa: eras tu a minha desculpa de existir, pois me tinhas posto no mundo para servir os teus desígnios e o mundo era uma velha alcoviteira que me falava de ti sem cessar. E de repente, abandonaste-me.

JÚPITER

Abandonar-te, eu?

ORESTES

Ontem, estava junto de Electra; toda a natureza, essa sereia, se agitava à minha volta, a cantar o Bem e a prodigalizar-me conselhos. Para me incitar à brandura, o dia escaldante suavizava-se como um olhar velado; para me pregar o perdão das ofensas, o céu estava tão calmo como uma absolvição. A minha juventude, obedecendo às tuas ordens, tinha-se erguido e aí estava ela diante dos meus olhos suplicante como uma noiva que se vai abandonar, pois era a última vez que eu a olhava. Mas de repente, sobre mim abateu se a liberdade que me paralisou; recuou a natureza e foi como se já não tivesse idade. Sozinho fiquei no meio desse teu pequeno e doce mundo como alguém que tivesse perdido a própria sombra, E nada mais há no céu, nem o Bem nem o Mal, nem

ninguém para me dar ordens.

JÚPITER

E então? Serei por acaso abrigado a apreciar a ovelha que a sarna faz expulsar do rebanho, ou o leproso encerrado no seu lazareto? Não te esqueças disto, Orestes: fizeste parte do meu rebanho e comeste dos erva dos campos no meio das minhas ovelhas. A tua liberdade não passa duma sarna a fazer-te comichão, não é mais do que um exílio.

ORESTES

Dizeis a verdade: é um exílio,

JÚPITER

Mas o mal não é tão fundo como isso; dura apenas desde ontem. Volta ao nosso seio. Volta. Repara como estás só, até a tua própria irmã te abandona. Estás pálido e dilata-te os olhos a angústia. Esperas continuar a viver? Vais sendo corroído por um mal desumano, estranho à minha natureza, estranho a ti próprio. Volta. Eu sou o esquecimento e o repouso.

ORESTES

Eu sei que é estranho a mim próprio. Não é natural, é mesmo antinatural e sem justificação, sem outro refúgio além de mim. Mas não voltarei a viver sob a tua lei; estou condenado a não ter outra lei além da minha. Não regressarei à tua natureza; todos os caminhos que nela se encontram a ti conduzem e eu não posso já seguir outro caminho que não seja o meu. Porque sou homem, Júpiter, e cada homem deve descobrir o seu próprio caminho. A natureza tem horror aos homens, e tu, o rei dos deuses, também os odeias.

JÚPITER

O que dizes é verdade: odeio-os quando se parecem contigo,

ORESTES

Toma cuidado; acabas de confessar a tua fraqueza. Eu, não te odeio. Que há entre nós dois? Passaremos um pelo outro, sem nos tocarmos, como dois navios. Tu és um Deus e eu sou livre: estamos igualmente sós e é igual a nossa angústia. Quem te diz que eu não procurei o remorso ao longo desta comprida noite? O remorso, O sono. Mas já não posso ter remorsos. Nem dormir.

Silêncio.

JÚPITER

Que contas fazer?

ORESTES

O povo de Argos é o meu povo. É meu dever abrir-lhe os olhos.

JÚPITER

Pobre gente! Vais presenteá-los com a solidão e a vergonha. Vais arrancar os panos com que eu os cobria, revelando-lhes de repente a sua existência, a sua insípida e obscena existência que é bem gratuita, afinal.

ORESTES

Por que razão lhes recusaria eu o desespero que trago em mim, se é essa também a sua sorte?

JÚPITER

E que farão dele?

ORESTES

O que quiserem: são livres e a vida dos homens começa para além do desespero.

Silêncio.

JÚPITER

Sabes, Orestes, tudo isto fora já profetizado. Um homem viria um dia anunciar o meu crepúsculo. És então tu esse homem? Quem o acreditaria ontem ao ver o teu rosto de menina?

ORESTES

Tê-lo-ia eu próprio acreditado? As palavras que eu digo são demasiado grandes para a minha boca e rasgam-na; o destino que trago em mim tornou-se demasiado pesado para a minha juventude e esmagou-a.

JÚPITER

Não te amo muito, mas apesar disso lamento-te.

ORESTES

Também eu te lamento,

JÚPITER

Adeus, Orestes. *(Dá alguns passos.)* Quanto a ti, Electra, lembra-te disto: ainda falta muito para que acabe o meu reinado — e não quero abandonar a luta. Agora vê lá se és por mim ou contra mim. Adeus.

ORESTES

Adeus.

Júpiter sai.

CENA III

OS MESMOS, MENOS JUPITER

Electra ergue-se lentamente.

ORESTES

Aonde vais?

ELECTRA

Deixa-me. Nada tenho que te dizer.

ORESTES

Conheço-te apenas de ontem e deverei já perder-te para sempre?

ELECTRA.

Prouvesse aos deuses que jamais te tivesse conhecido.

ORESTES

Electra! Minha irmã, minha querida Electra! Meu único amor e única doçura da minha vida, não me deixes só, fica comigo.

ELECTRA

Ladrão! Quase nada tinha de meu, além de um pouco de quietude e alguns sonhos. Tudo me tomaste, roubando assim uma pobre. Eras o meu irmão, o chefe da nossa família e tinhas o dever de me proteger; mas o que fizeste foi mergulhar-me em sangue, sinto-me vermelha como um boi esfolado. Todas as moscas me perseguem, essas gulosas, e o meu coração é uma horrível colmeia!

ORESTES

É verdade, meu amor, tirei-te tudo e nada tenho para te dar além do meu crime. Mas este é uma dádiva enorme. Julgas que o não sinto a pesar-me na alma como chumbo? Nós éramos demasiado leves, Electra, mas agora os nossos pés enterram-se no chão como as rodas dum carro nos seus trilhos. Vem; partiremos, e caminharemos com o nosso passo pesado, curvados sob o nosso precioso fardo. Dar-me-ás a mão e iremos...

ELECTRA

Aonde?

ORESTES

Não sei; em direcção a nós próprios. Para lá dos rios e das montanhas há um Orestes e uma Electra que estão à nossa espera. Temos que os procurar com persistência.

ELECTRA

Não quero ouvir-te mais. Só me ofereces a náusea e a desgraça. (Salta para o palco. As Erínias aproximam-se lentamente). Socorro! Júpiter, rei dos deuses e dos homens, meu rei, toma-me nos teus braços, leva-me e protege-me. Cumprirei a tua lei, serei tua escrava e tua propriedade, beijar-te-ei os pés e os joelhos. Defende-me das moscas, de meu irmão e de mim própria, não me deixes só e dedicarei a minha vida inteira à expiação. Eu arrependo-me, Júpiter, eu arrependo-me.

Sai a correr.

CENA IV

ORESTES E AS ERÍNIAS

As Erínias fazem um movimento em perseguição a Electra, A primeira Erínia contém-nas.

PRIMEIRA ERÍNIA

Já nada podemos contra ela, irmãs, deixai-a ir. Mas este aqui vai-nos durar muito tempo, ao que parece, pois tem uma almazinha bem coriácea. Sofrerá por dois.

As Erínias começam a zumbir e aproximar-se de Orestes.

ORESTES

Estou completamente só,

PRIMEIRA ERÍNIA

Isso é que não, meu querido assassino pequenino; estou ao pé de ti e verás as brincadeiras que descobrirei para te distrair.

ORESTES

Picarei até à morte. Depois...

PRIMEIRA ERÍNIA

Coragem, irmãs que ele já cede. Vede como se abrem os seus olhos; não tarda que os seus nervos ressoem como as cordas duma harpa sob os arpejos delicados do terror.

SEGUNDA ERÍNIA

Não tarda que a fome o expulse do seu asilo; provaremos o sabor do seu sangue antes do anoitecer.

ORESTES

Pobre Electra!

Entra o Pedagogo.

CENA V

O PEDAGOGO

Onde estais, senhor? Não se vê nada. Trago-vos aqui comida; os homens de Argos cercam o templo e nem sequer podeis sonhar em de cá sair. Vamos tentar sair esta noite. Todavia podeis comer enquanto esperais. *(As Erínias barram-lhe o caminhou)* Ah! Quem são estas? Mais superstições. Que saudades eu, tenho dessa meiga Ática onde era a minha razão quem tinha razão.

ORESTES

Não tentes aproximar-te se não queres que te esfolem vivo.

O PEDAGOGO

Calma, minhas lindas. Olhai tomai lá estas iguarias e esta fruta, se é que as minhas dádivas têm o condão de vos acalmar.

ORESTES

Dizes então que os homens de Argos se concentram em frente do templo?

O PEDAGOGO

E de que maneira! Não vos sei dizer quais são os piores e os mais encarniçados em querer fazer-vos mal: se estas lindas meninas aqui ou os vossos queridos súbditos.

ORESTES

Óptimo. *(Pausa.)* Abre essa porta.

O PEDAGOGO

Enlouquecestes? Eles estão lá fora, e armados.

ORESTES

Faz o que te digo.

O PEDAGOGO

Não, desta vez peço licença para vos desobedecer, Eles vão lapidar-vos, sou eu quem vo-lo diz.

ORESTES

Velho, sou o teu senhor e ordeno-te que abras essa porta.

O Pedagogo entreabre aporta.

O PEDAGOGO

Olhem que esta! Olhem que esta!

ORESTES

De par em par!

O Pedagogo abre um pouco mais a porta e esconde-se por detrás dum dos batentes. A multidão empurra com. violência os dois batentes e pára indecisa, à entrada. Luz intensa.

CENA VI

OS MESMOS — A MULTIDÃO

Gritos entre a multidão.

— A morte! A morte! Lapidai-o! Cortai-o em pedaços! A morte!

ORESTES, *sem os ouvir*

O sol!

A MULTEDÃO

Sacrilégio! Assassino! Carniceiro! Vais para o garrote! E havemos de te deitar chumbo derretido nas feridas!

UMA MULHER

Hei-de arrancar-te esses olhos!

UM HOMEM

Hei-de trincar-te esses fígados!

ORESTES, *depois de se endireitar*

Eis-nos aqui finalmente, meus mui fiéis súbditos! Sou Orestes, o vosso rei, o filho de Agamémnon e é hoje o dia da minha coroação.

A multidão murmura perturbada.

Já não gritais, agora? (A multidão cala-se.) Bem sei que vos assusto. Faz hoje precisamente quinze anos que outro assassino se ergueu diante de vos com as mãos enluvadas de vermelho até aos cotovelos, enluvadas de sangue, sem que vos assustasse, pois tínheis lido nos seus olhos que era um dos vossos e que não era capaz de responder pelos seus actos. Um crime que não pode ser suportado pelo seu autor já não é um crime, não é verdade? E quase um acidente. E assim acolhestes o criminoso como vosso rei, e o pobre crime começou por aí a vaguear, e a gemer docemente, como um cão que tivesse perdido o dono. Estais agora a olhar-me, ó povo de Argos, e já compreendestes que o meu crime é bem meu; reivindico-o à luz do sol, é ele a minha razão de viver e o meu orgulho, não podeis punir-me nem lamentar-me e é por isso que vos assusto. Mas, O meu povo, amo-vos e foi por vós que matei. Por vós. vim: para reclamar o meu reino e vós repeliste-me por não ser dos vossos. Mas agora já sou dos vossos, estamos unidos pelo sangue e já mereço ser o vosso rei. Os vossos pecados e remorsos, as vossas angústias nocturnas, o crime de Egisto, tudo isso é meu, tudo isso eu tomo sobre mim. Que vos não assustem mais os vossos mortos, pois agora são os meus mortos, E olhai; até as vossas fiéis moscas vos trocaram por mim. Mas não temais, ó povo de Argos, que me vá sentar, ensanguentado no trono da minha vitima; um Deus mo ofereceu e eu recusei-o. Quero ser um rei sem reino nem súbditos. Adeus, meu povo, tentai viver; agora tudo é novo por aqui, tudo vai começar. Até para mim, também a vida vai começar. Uma vida estranha. Escutai só isto: um Verão, Ciro foi invadida pelas ratazanas. Era uma praga horrível que tudo roía e os habitantes chegaram a pensar que por causa dela acabariam por morrer. Porém, um dia, chegou um tocador de flauta e todas as ratazanas reuniram-se à sua volta. Pôs-se então o flautista em marcha em grandes passadas, assim (desce do pedestal) gritando aos habitantes de Ciro: «Afastai-vos»! *(A multidão afasta-se.)* E as ratazanas levantaram a cabeça hesitantes — como as moscas. Olhai! Olhai as moscas! E depois, de repente, precipitaram-se no seu encalço. E

o tocador de flauta, com as suas ratazanas, desapareceu para sempre. Assim.

Sai; as Erínias precipitam-se, uivando, no seu encalço.

CAI O PANO

Composto e Impresso na

TIPOGRAFIA RIOS & IRMÃO, LDA.

Santa Maria de lamas